

OCASO

Fabian Balbinot

Para Michelle Pfeiffer

*Baseado nas mais clássicas entre as
estórias de terror.*

*"Sim, eu sou dor
Sou apenas dor
Velha e cara dor
Você precisa de sua dor."*

PAIN
Alice Cooper

O rapaz seguia pela estrada, os pneus do velho *sedan* guinchando no asfalto mais negro do que o céu da madrugada. Trocou para uma marcha mais rápida e girou o volante, escutando as pedras soltas pelo caminho que batiam nos ferros e canos do escapamento, ricocheteando como uma saraivada de balas, debaixo do veículo.

Onde tinha vindo se meter?

Em qualquer lugar, imaginou. Nunca tivera destino certo, e onde quer que fosse parar, acabava caindo de pé, como caem os gatos, sempre preparado e atento, porque a vida o ensinara a ser assim.

Tivera mil oportunidades. Jogara fora outras mil, e por mil vezes escolhera um entre mil possíveis caminhos. Não era ele uma daquelas pessoas que costumam se arrepender com o que fez ou deixou de fazer. Havia sido mestrado, durante toda uma vida de percalços, pela experiência e pela fria razão. A depender de si mesmo, quando alguém mais percebesse, as coisas já estariam feitas, as riquezas conquistadas, as desgraças perpetradas, na primeira chance, porque ele não media as conseqüências, e na maioria das vezes não seria ele que iria permanecer nas cercanias para sofrer, ou comemorar, os efeitos de tais conseqüências. Para ele, nada significavam os gritos, e de nada valiam as comemorações.

Como agora, em decorrência de acontecimentos que por certo já tinham desencadeado um desfecho que jamais se poderia prever, seguia ele, sempre longe, e além, invariavelmente afastado, tanto das pedras que surravam as carnes ao serem lançadas contra os mártires e bandidos quanto das congratulações que não lhe trariam orgulho algum, e de qualquer outro tipo de malfadada agitação.

O que estava feito, estava feito. Era este o seu lema. A sua resolução.

Coitado, desafortunado, pensaria de si mesmo, enquanto tentava sintonizar o rádio cujo som chiava, contaminado pela doença da estática e da falta de sintonia, originada decerto pela fúria do temporal que se aproximava, com seus relâmpagos em forma de sabres afiados, e seus trovões ribombantes. Coitado, poderia pensar, caso avaliasse o seu destino, descobrindo de súbito que não possuía destino algum. Coitado, por não ser ninguém. Coitado, por ser um estigma... Um reles sobrevivente.

Poderia pensar, e se torturar, mas não pensou, pois raramente pensava em si mesmo. Raramente pensava em alguém. Não sabia mais lamentar-se pela aleatoriedade, pela fixação de seu destino. Há tempos não sabia.

Naquele momento de velocidade e curvas, dentro da noite que viria a ser manhã tempestuosa em breve, o rapaz só sabia dirigir.

Desistiu de mexer no *dial* de sintonia do velho rádio AM/FM, tão velho quanto seu carro, e muito mais imprestável que este. Desligou o aparelho, pois a chiadeira intermitente o importunava. Olhou o caminho a frente, o negrume e a distorção das silhuetas das árvores baixas, com suas galhadas sinistras que rasgavam a noite.

Virou os olhos, vendo a lua cheia no canto do espaço. Ali espelhado, o reflexo do sol, recém-nascido no outro lado do mundo, fez com que seus olhos lacrimejassem. Guiara o carro pela noite inteira, fugindo dos acontecimentos, e o cansaço o atormentava, deixando-o levemente embriagado.

Não podia pensar. Devia concentrar-se apenas nas curvas da rodovia, que

parecia ter sido há muito abandonada, de tão feia e esburacada que estava, parcialmente iluminada pelo único farol que funcionava no *sedan* caolho.

Desconcentrado, acabou fazendo a marcha errada. Guiar não era uma de suas melhores habilidades, e o motor do veículo rugiu como uma besta moribunda, agonizante, para depois suspirar, com a velocidade de seus muitos ciclos por segundo sendo alterada, minguando.

Como besta fatalmente atingida, vitimada por seu descuidado condutor que pisava e tropeçava nos pedais de embreagem e aceleração, o carro soltou um urro final, e seu motor apagou, submergindo a madrugada no silêncio.

Produzindo sons semelhantes aos de algum tipo novo de pássaro notívago, a chave girou na ignição de forma a romper a calma da noite, enquanto forçava inutilmente o contato da bateria com o mecanismo de partida do motor, procurando, como os paramédicos e seus desfibriladores de alta potência, em situação de emergência total e absoluta, reverter o estado de morte do carro.

O veículo ainda se movia, empurrado pela inércia. Enquanto o rapaz, nervoso, continuou a forçar a chave do carro por mais cinco demoradas vezes, antes de desistir apoiando a cabeça no guidão, sem esperança. Em sua maior parte, os ponteiros do *display* finalmente se acomodaram nas bases de suas respectivas escalas, próximos do zero, inclusive o ponteiro indicativo do combustível. Vapor branco fumegante emergiu do capô, indicando que o carro morria não apenas de fome, como também de sede.

Os pneus pararam de rodar, e o velho *sedan* branco finalmente soltou seu último suspiro.

O rapaz teve vontade de gritar, mas isso não era de seu feitio. Preferiu, então, grunhir algo de ruim e chutar os pedais, transferindo para aquelas peças a culpa pela pane no carro, que parecia se dever tão somente ao seu descaso com as necessidades de água e combustível deste.

Recobrou-se de imediato, como sempre acontecia, pois a vida sempre lhe reservara surpresas, deixando-o acostumado a tomar decisões rápidas em momentos difíceis.

Ergueu a cabeça, e olhou em volta.

Abriu a porta e abandonou o carro, pisando o asfalto negro e pedregoso.

De acordo com o que sabia, calculando a partir do pouco que lembrava dos últimos quilômetros de estrada, encobertos pela penumbra, o jovem julgou que sua única opção seria seguir em frente. No caminho, não havia visto nenhum lugar onde pudesse passar o resto da noite, e tendo em vista o que por certo viria à tona com o raiar do dia na cidadezinha de onde tinha vindo, voltar não era uma boa idéia.

Pôs-se a andar, orientando-se na pista, coberta de pedrinhas e folhas secas, através da luz ainda acesa do único farol funcional do carro. Mais adiante, passou a contar apenas com a luz da lua, e com seus instintos.

Andou por uns dois ou três quilômetros, percebendo como o caminho gradativamente ia se tornando mais inóspito. Saltou os galhos de árvores que estavam esparramados pela pista. A estrada inteira tinha sido coberta por ramos e folhas de árvores, terra e cascalho, provavelmente em virtude dos estragos causados por outras tempestades, tão furiosas como a que ainda estava por vir. Talvez tivesse sido mesmo sorte não ter prosseguido com o carro - muitos dos galhos eram forrados de espinhos, e teriam furado os pneus como se fossem estrepes afiadas, sem nenhuma dúvida, caso este tivesse por ali passado.

Mais adiante, deparou-se com um tronco inteiro, metro e meio de espessura,

de uma árvore que caíra, bloqueando a pista. Realmente, era mesmo uma bênção que ele tivesse vindo a pé. Um trator de esteiras talvez não bastasse para remover do caminho tamanho obstáculo, e caso o seu veículo viesse a atravessar com sucesso toda aquela sucessão de barreiras vegetais, era certo que dali não passaria.

Tendo escalado e sobrepujado o espesso bloco de madeira, o rapaz não pôde deixar de reparar em um certo tipo de estrutura contínua, uma sucessão de barras metálicas, destacada e fulgente na luz dos relâmpagos, que vista de longe pareceu-lhe ser uma cerca, à esquerda da estrada. Era, no entanto, difícil ter certeza, pois o mato crescia igual a uma peste em ambos os lados da pista, atrapalhando a visão e mesmo a intuição de quem estava pisando pela primeira vez aquele que dava a impressão de ser o mais lúgubre dos lugares. Melhor seria investigar...

Penetrou como um lobo em meio aos arbustos que transformavam o meio-fio em um matagal espesso, empurrando galhos, pisoteando...

Um raio cai, muito próximo!

... o capim, e criando sua própria trilha, perfurando a mata úmida e negra.

Viu, afinal, barras altas, enfileiradas, auxiliado por um clarão, que levou meio segundo para se dissipar. A chuva viria logo, proclamou um forte trovão, que fez o chão estremecer debaixo de seus pés.

Abrindo outra picada improvisada em meio à relva, no mesmo sentido da anterior, porém fazendo uma curva à direita, o rapaz atingiu a rodovia outra vez, tropeçando nos blocos de asfalto que a vegetação se encarregava de aos poucos destruir. Seguindo a estrada, chutando um que outro graveto que se atravessava em seu caminho, ele notou que, conforme avançava, a cerca de compridas lanças de ferro passava a se sobressair, ofuscando o matagal, que rareava.

Um contorno branco, brilhante, como uma rachadura no firmamento! Outro raio!

Perambulando pela pista, sempre de olho no que estava à sua esquerda, auxiliado pelo *flash* do raio, ele logo identificou uma grande casa velha, de uns dois ou três pavimentos, muito elevada e antiquada.

Interessado, foi em frente pela rodovia, para a seguir...

"A chuva está mais perto", grunhiu o trovão!

... voltar a penetrar o mato, cortando caminho em diagonal outra vez pelo capim, que neste ponto estava bem mais baixo.

Topou com um portão duplo, do tipo que se abre no meio, e que era ainda mais alto do que a cerca. Tal como a cerca, ambas as cancelas do portão eram feitas de barras de ferro com as extremidades superiores pontiagudas em forma de lança, as quais eram mais altas à medida que uma das cancelas se aproximava da outra. Acima do portão propriamente dito via-se um arco metálico de aspecto tenebroso, constituído de umas tantas hastes de ferro pontudas, retorcidas em caracóis e curvas, sustentado por dois pilares, também de ferro, de grande espessura, que também serviam para segurar as duas cancelas gêmeas.

O portão ditava o estilo gótico de construção tanto do casarão, sito mais adiante, como das duas cercas, que, ligadas a ele, seguiam em fila indiana para longe, à esquerda e à direita.

Chegando mais perto, o forasteiro viu que a ferrugem tornava tanto o portão quanto a cerca praticamente imprestáveis. Grandes porções de material carcomido e estragado acumulavam-se rente às bases das pilastras de metal, sufocando ali as

gramíneas, que agonizavam, secas, debaixo das pilhas do óxido venenoso.

Outro relâmpago riscou o céu que clareava ao fundo do casarão, destacando-o e envolvendo-o em uma aura de profundo mistério. Nenhuma luz estava acesa na casa, que deixava a impressão de estar tão destruída quanto a cerca. Árvores sem folhas a rodeavam, iluminadas pela conjunção mortífera da auréola lunar e das faíscas do sol do dia vindouro, e de vez em quando pelos relâmpagos distantes.

Com alguma pressa, pois começava a pingar, o rapaz forçou o portão, tratando de livrar-se da sujeira ferruginosa que descascava e aderira nas mãos e nas roupas. Mesmo assim, ele não teve muito trabalho, porque a velha corrente que prendia uma cancela à outra, unida em seus extremos por um cadeado rústico, arrebentou assim que ele puxou-a com mais força.

Deixando a corrente suspensa como uma cobra morta entre as barras empoeiradas da cancela à sua direita, ele empurrou a outra, o que fez com que os gonzos reverberassem ríspidos. Depois de muito chiar, finalmente o portão se abria.

Sem se demorar mais, o jovem correu pela trilha que atravessava o que um dia já havia sido um jardim, e que levava diretamente para o grande casarão. A chuva já fazia por merecer a apresentação que tinha sido feita pelos raios e trovões, e passava a fustigar o capim, lançando ao solo uma saraivada de gotas pesadas que lembravam setas. Ventos avassaladores completavam o castigo.

No casarão, a tampa de uma janela, sita em algum ponto do último andar, começou a bater na parede de madeira, jogada de lá para cá pela ventania. Em algum lugar próximo de onde o rapaz estava, alguma coisa caiu, fazendo um barulhão. Parecia que o mundo inteiro se desintegrava.

Correndo como louco, o jovem alcançou afinal a imensa entrada frontal da mansão. Já estava um pouco molhado, e vapores quentes brotavam de sua cabeça e das mãos. Sua roupa protegera bem o resto do corpo, por sorte, e ele tratou de sacudir a cabeça, jogando a água dos cabelos longe, como fazem os cães. Secando as mãos na camisa, quis ele ver direito onde se encontrava.

Deixando de lado detalhes menores, tais como os dois curtos lances de escada que havia galgado sem sequer ter levado em conta, balaústres e corrimãos semi-demolidos, o que podia ver era a espécie de abertura em que estava agora. Um imponente arco, largo tanto quanto alto, feito em pedra e cimentado com algum tipo de argamassa que também parecia ter sido utilizada para moldar as formas anelares e aguçadas que o decoravam, dispostas sem obedecerem nenhum padrão específico, este era iluminado de quando em vez pela sucessão de raios que rabiscava o firmamento. E à sua frente, uma outra porta dupla, igualmente grande, feita de madeira escura e tão esparsamente permeada de entalhes e gravuras quanto eram as paredes, só que as esculturas da superfície das duas portas tinham sido produzidas em escala muito menor.

Um par de vasos-estátuas com o formato de anjos barrocos e prostrados, sem esperança, surgiu-lhe em cada um dos lados da porta, como guardiões de olhos vazios. Surgiram e desapareceram, realçados por mais um rápido lampejo, que também revelou o piso, feito de pequenos paralelepípedos rudimentares, um tanto ou quanto desordenados, castigados pelo decurso do tempo.

Trovões ensurdecedores, como uma seqüência de tiros de canhão, respondiam retumbantes aos estampidos provocados uns pelos outros.

Duas argolas de bater, grandes, pesadas como chumbo e possivelmente constituídas de tal material, foram percebidas pelo jovem, debaixo da luz dos relâmpagos. As argolas estavam sustentadas por círculos pequenos cravados na

madeira, cada qual em uma das duas portas.

Sem demora, o rapaz lançou-se de encontro à uma das duas argolas, chocando-se contra a porta submersa na penumbra. Tateou um pouco a superfície irregular, esticando seus braços para o alto, até que encontrou a argola, a qual devia funcionar como uma campainha cujo som decerto faria estremecer da base ao topo daquele enorme castelo, levando em conta o seu tamanho e peso descomunais.

Fazendo força, o jovem puxou a argola, que produziu um ronco metálico semelhante ao rosnado de um demônio vindo do mais baixo dos infernos. A aldrava deslizou com rigidez, lenta, atritando-se com sua argola de sustentação, calando os trovões e fazendo os dentes do forasteiro rangerem.

Sem ter tempo para sentir medo, ele forçou a aldrava gigante para baixo, de encontro à porta, ocasionando um rosnado oposto ao que se ouvira antes, mas nem por isso menos impressionante, que foi terminar em um baque estrondoso, grave, ao ter a base da estranha campainha se chocado contra a madeira da porta. A batida ecoou ao longe, o som forte intimidando a tempestade.

O rapaz esperou meio minuto, e como ninguém respondesse seu chamado, ele repetiu o processo, elevando a aldrava e empurrando-a para que se chocasse outra vez contra a porta. Os sons ríspidos de metal se opondo a metal voltaram a ser ouvidos, seguidos por novo baque, e novo ecoar surdo pela noite.

Mas ninguém, nenhum gigante aparecia para atender a porta gigante daquela gigantesca residência.

O jovem sentiu raiva, e sem pensar muito, puxou e empurrou por mais duas vezes consecutivas a aldrava, batendo-a na porta de novo e de novo...

As batidas interromperam a tempestade, que, constrangida, amainou, tornando-se em uma chuva torrencial, soprada pelos ventos cada vez menos intensos.

"*Não deve haver ninguém aqui*", pensou o jovem, procurando manter o controle.

Sentindo-se um pouco abatido, ele já encarava a chuvarada, imaginando qual seria sua próxima linha de ação, quando ouviu um barulho indistinto, como que um golpe, uma superfície batendo em outra... E o som viera *de dentro* da portal

- Ei! - virou-se e gritou, batendo na porta com os punhos. - Por favor, abram a portal Tem alguém em casa?

E parou para escutar, tentando colar o ouvido na madeira pontilhada por sulcos e pregas que arranhavam sua pele.

Após alguns segundos, em que só pôde ouvir a chuva, percebeu um som de engrenagem, parecendo uma chave a girar em uma fechadura... algum tipo de tranca sendo deslocada...

Uma pequenina abertura surgiu em um canto da porta da esquerda, ao alto, rasgando em luz o negrume da tempestuosa alvorada. Em seguida, uma forma escura tomou o lugar da luz, e um olho posicionou-se na abertura. O olho passou a espiar com atenção a paisagem que compunha a entrada do casarão, deslocando-se de um lado para outro, até que, segundos depois, deteve-se na figura do surpreso rapaz.

- O que você deseja? - pediu uma voz de homem velho, o olho tornando-se injetado, piscando nervosamente - Vá embora! Não queremos nada!

Dando a impressão de ter realmente se irritado, o tal caseiro fechou a portinhola, fazendo seu olhar pouco amistoso desaparecer junto com a luz.

"*Não queremos nada?*", imaginou o forasteiro, franzindo a testa. "*E conhecem vendedores, neste fim de mundo?*"

Sem ter dúvidas, puxou a aldrava da porta, e de novo empurrou-a de volta. O eixo da argola de metal soltou mais um par de silvos agudos, que foram concluídos com uma nova explosão de ferro contra madeira.

A vigia, ao alto da porta abriu-se outra vez.

- Meu senhor, eu já lhe disse que não queremos nada! - replicou a voz seca e grossa.

- Não, não é isso - disse o rapaz, tentando sorrir enquanto encarava a vigia, sita muitos centímetros acima de sua testa, onde o olho que piscava sem parar estava cercado por parte de uma face tão negra quanto a pupila que o mirava arregalada. Tentou continuar falando, fazendo-se de bom moço, de necessitado, procurando comover a criatura de aspecto grotesco que o observava de dentro da casa - Eu só queria entrar um pouco, porque aqui...

- Você NÃO VAI ENTRAR - interrompeu a voz do caseiro - Não permitimos que *ninguém* entre aqui. Já lhe disse para ir embora!

- COMO é que o senhor quer que eu vá embora debaixo de um temporal desses, hein?- exaltou-se o forasteiro, apontando com uma das mãos o pátio externo, já em parte inundado pelo aguaceiro. A seguir, tornou-se novamente súplice:

- Tudo o que peço é um mínimo de cortesia, enquanto a chuva não passar.

O olho piscou outras tantas vezes, e girou a esmo no interior da portinhola, ora focalizando o inesperado visitante, ora a área que cercava a mansão, assolada pela tempestade que voltava a rugir com sua cólera feita de ventos e de relâmpagos. A instável luminosidade que fustigava a pele em volta do olho do caseiro, criando distorções amareladas e fascinantes no pouco que se podia ver daquela face, parecia estar vindo de uma vela ou lampião, de que este devia estar de posse.

Súbito, a pequena vigia foi fechada novamente.

Barulho vindo do local onde as duas portas se interligavam. Nem mesmo o estrondo ensurdecedor da trovoada foi forte o bastante para encobrir o indisfarçável matraquear de algumas chaves girando, engrenagens impelindo umas às outras, ferrolhos raspando no interior da enorme fechadura.

Uma das duas portas foi lentamente puxada para dentro, e o ronco de suas dobradiças mesclou-se à infernal comoção propiciada pela tempestade.

Uma grande mão surgiu, empunhando um lampião antigo, mal conservado, que deixava ver o vidro fragmentado de uma de suas quatro janelas. Também surgiu um rosto, encoberto em parte pela porta, que não foi deslocada para dentro além de algumas dezenas de centímetros.

- Ainda bem - disse o moço, fazendo menção de entrar. - Eu já não agüentava mais ficar aqui, todo molhado como estou. Está ficando frio...

O rosto do caseiro era um rosto de velho, coberto de rugas, a pele murcha, sem carne para sustentá-la. O nariz torto, pontudo e enorme como só os velhos conseguem ter. Os grandes olhos, contudo, ofereciam relampejantes demonstrações de juventude e indomabilidade; hipnóticos e frios, aqueles olhos transmitiam vida e poder à face devastada, tornando-a tão inexpressiva e dominadora quanto uma máscara.

O rosto, cercado pela escuridão e pela luz bruxuleante do lampião, situava-se em altura idêntica à qual tinha estado antes, quando observara o jovem visitante

através da vigia. O rapaz julgou que o dono de tal rosto, mesmo estando quase completamente escondido pela porta, devia ser uma pessoa de porte físico descomunal, levando em conta o tamanho da mão que segurava a lanterna rudimentar. Uma mão com dedos que deixavam a impressão de possuírem a força necessária para esmagarem um crânio com um único aperto, de tão compridos e intumescidos que eram.

- Espere! - rosnou o gigante, com sua voz cavernosa, impedindo o acesso do visitante ao interior da casa. - Como chegou até aqui?

Uma pausa. O ribombo de um trovão sufocado pela distância. Milhares de metros cúbicos de água sendo despejados pelo céu revoltado.

- A estrada está bloqueada... - continuou o caseiro, procurando permanecer escondido atrás da porta e do largo manto escuro que trajava. - Você veio até aqui à pé?

O jovem aquiesceu com a cabeça, lançando um olhar amistoso. - Sim, eu vim pela estrada. Vinha vindo de carro, mas... acho que a gasolina acabou. Então eu resolvi caminhar um pouco, e acabei correndo para cá, para poder escapar da tempestade. Estrada feia, não?

- Por que veio até aqui?

O forasteiro olhou profundamente para o caseiro, que realmente estava mais para uma criatura mítica do que para um ser humano. Viu seus grandes olhos gelados. Os ossos delineando as feições. As mãos fortíssimas. O cérebro que deveria ser do tamanho de um amendoim.. - Eu já lhe disse. Vim até aqui por acaso. Começou a chover e eu não consegui encontrar outro lugar onde pudesse me abrigar. - O viajante abriu os braços, em atitude de súplica. - Posso entrar ou não? Vou acabar... pegando um resfriado se permanecer aqui mais tempo.

Os olhos rentes à porta subiram e desceram, vasculhando de cima a baixo a fisionomia do jovem andarilho que ali tinha vindo se meter empurrado pelo acaso. Sua estatura não devia ultrapassar os seus próprios ombros, calculou o caseiro. O rapaz de cabelos estranhamente claros vestia uma dessas calças azuis que os trabalhadores das minas vestiam há tempos atrás, cujo tecido é lavado na pedra, as quais atualmente eram tão populares entre os jovens, além de uma blusa preta, ambos bem mais desbotados do que propriamente molhados. Nos pés, o moço trazia um par daqueles sapatos esportivos modernos, de cor não identificável, e coberto de listras tanto quanto de lama.

Não seria problema algum, pensou o homem com seus grandes olhos inexpressivos, caso tivesse que lidar com aquele viajante perdido. Não, não teria problema algum.

A porta se abriu um pouco mais.

- Venha! - ditou o gigante, fazendo sinal com a mão que estava livre, enquanto a outra levantava o lampião tão alto quanto sua cabeça.

Obedecendo o convite, o rapaz penetrou porta adentro.

Olhou de volta para o ser disforme que permitira seu acesso ao casarão. Devia ter uns dois metros, quem sabe até um pouco mais, pensou o outro, ao passo que procurava em redor por algum tapete ou capacho onde pudesse limpar os tênis enlameados, sem ter nenhum êxito.

Foi-lhe ordenado pelo homenzarrão que permanecesse imóvel junto a uma parede próxima. O rapaz obedeceu, erguendo os braços por alguns instantes, como já tinha feito muitas vezes.

Sua vida nunca fora exatamente um mar de rosas, e ele estava acostumado

a ser revistado, e a se entregar, tanto quanto às temporadas em que havia permanecido trancafiado dentro de uma cela. Em nenhuma das algemas que tinham unido seus pulsos, contudo, estivera gravado o seu nome, e ele agora sorria, lembrando das vezes em que havia sido colocado em liberdade logo após a ordem de prisão ter sido efetuada.

"*Você tem um azar tremendo...*", já havia lhe dito alguém. Intrigantes, os crimes hediondos pareciam ocorrer justamente quando o jovem encontrava-se nas imediações.

"*Com estes, são mais cinco mulheres e dois homens!*", dissera-lhe em altos brados o agente federal de fisionomia já bem familiar, que há tempos estava encarregado de persegui-lo e vigiá-lo, espreitando-o aonde quer que ele fosse parar. "*Cinco mulheres e dois homens, todos degolados, estripados... todos com meio litro de sangue sobrando no corpo...*"

"*E, em nome de CRISTO, não há evidência alguma, nem marcas, nem nada, e eu continuo sem poder mandá-lo para a cadeira elétrica...*", o policial lamentara-se, quase em tom de chacota, quando ambos tinham se visto pela última vez, na cidadezinha onde o jovem errante havia passado algumas noites na cadeia e outras em uma pensão barata e suja, de propriedade de uma solteirona gorducha de pouca conversa e que não fazia muitas perguntas, ela própria envolvida com o submundo, tendo cá e lá os seus investimentos particulares, por assim dizer.

"*Você tem um azar tremendo.. ou tem MUITA sorte.*"

E, como era de hábito, as trancas das algemas tinham sido reabertas, e ele era liberto de mais uma dentre as tantas celas onde já havia sido aprisionado.

Algumas das últimas vítimas eram suas conhecidas. Gente que passava as noites naquela mesma pensão. Dois pulhas, embusteiros, e um par de mulheres de vida fácil, drogadas, destruidoras de lares, chamados fossem como se quisesse chamá-los... Gentalha imprestável, cujo assassinio não lhe causaria comoção alguma.

Não que ele sentisse alguma piedade para com as outras três mulheres, todas com ficha limpa, cidadãs respeitáveis, duas donas de casa com maridos benquistos e mães de adoráveis crias, e uma virginal estudante semi-adolescente, com o mais brilhante dos futuros pela frente. Todas estas três mulheres acima de qualquer suspeita, padrões de conduta a serem observados e propagados pela sociedade. Suas ilustres desconhecidas.

Piedade alguma. Remorso? Para quê?

Os últimos cinco homicídios o tinham transformado no queridinho dos policiais locais, que o convidavam de forma ríspida e arrogante para certos encontros noturnos na delegacia, onde "*festinhas*" privativas se sucediam, regadas à café preto e sem açúcar, luzes intensas, acusações, depoimentos que não esclareciam nada, e negativas de sua parte. As algemas, sempre diferentes, pareciam ser sempre as mesmas, e o jovem nunca sabia do que os policiais estavam falando.

"*Qual quarto você vai querer desta vez?*", perguntara-lhe o carcereiro, um homem gordo e preto, que o chamava de branquelo, em sua quinta *noitada* na cadeia. "*O de sempre*", havia lhe respondido o jovem, risonho, ambos acostumados com a frequência das visitas deste ao distrito policial.

Como acontecia sempre, chegara o momento de libertarem-no, durante uma madrugada muito agitada. Os motivos para a soltura eram os mesmos de todas as outras vezes; o excesso de especulações, a falta de reais evidências.

"Na próxima vez que você aparecer aqui..." gracejara o carcereiro gordo e preto, durante sua última despedida, "aposto o quanto quiser, vai ficar na gaiola por uma temporada bem mais longa."

"Envie o valor da aposta pelo correio", respondera-lhe rindo o jovem albino, abandonando a cela para nunca mais voltar.

Os outros detentos, cinco miseráveis criaturas, uns pretos, outros simplesmente encardidos, todos incriminados mais pelo preconceito dos membros do júri do que propriamente devido à gravidade de seus crimes, todos esparramados pelas celas remanescentes da delegacia, teciam seus comentários a respeito do misterioso rapazote de cabelo tão branco quanto a neve, que entrava e saía da cadeia como bem queria.

"Parece um iô-iô... vai e volta! Ah, ah, ah!"

"Essa dondoca branca parece ser feita de álibis, isso sim! Com caras desse tipo, os malditos advogados estão todos fodidos."

"Ei, menina! Já está indo embora de novo? Você está muito pálido... Tem que tomar um pouco de sol! Eh, eh, eh!"

"Mais do que você imagina...", pensara ele. "Mais do que você imagina."

Havia sido interrogado em duas oportunidades, luz forte, incandescente, queimando por algumas horas as suas têmporas "Onde você estava na noite do dia tal?" "O que você estava fazendo no horário tal?" "Você conhecia tal pessoa?", entre outras tantas perguntas de rotina.

Os arquivos de que os policiais dispunham diziam: rapaz órfão, de descendência não identificada, (...) sem antecedentes, (...) mudara-se há pouco tempo para o interior para recomeçar a vida após um certo acidente que tirara a vida de seus pais e dos demais familiares. Única seqüela provocada pelo acidente no rapaz fora uma amnésia permanente, em grau aparentemente avançado. (...) Viera acompanhado de um certo amigo, dito companheiro de infância. Este amigo, de uma hora para outra, mudara-se de novo, desta vez para o outro lado do país, e seu paradeiro ainda não havia sido identificado. (...) sem maiores informações sobre os familiares, e sobre o acidente de automóvel seguido de incêndio e explosão que os havia vitimado. Documentos transportados por tais pessoas destruídos no acidente. Nenhum outro parente foi encontrado para efetuar o reconhecimento dos corpos. Dados obtidos com a autópsia dos corpos são insuficientes para que sejam feitas quaisquer afirmações. (...) a placa do carro havia sido removida do local, e seu chassi fora misteriosamente adulterado... etcétera, etcétera e etcétera, e um mar de outros etcéteras. Dados irrelevantes, incompletos ou insuficientes em profusão, todos levando de um beco sem saída para outro.

"Como se chamavam seus pais?"

"Não consigo me lembrar."

"Você tinha algum irmão ou outro parente no carro, naquela noite?"

"Não sei. Não lembro de ter tido irmãos ou irmãs. Não lembro de outros parentes. Nem sei se era noite quando o acidente aconteceu."

"Mas consegue se lembrar do acidente, não consegue?"

"Não... Sei apenas o que meu amigo me contou, e o que vocês vivem me dizendo."

"E como se chama este seu amigo que se mudou?"

"X."

"X do quê?"

"Não sei. Ficamos pouco tempo juntos. Ele disse que me conhecia, mas

nunca me contou o seu sobrenome."

Em se levando em conta que, somente na lista telefônica da cidade eram mais de cem pessoas com o primeiro nome "X" catalogadas, de fato o panorama apresentava-se bastante obscuro para os policiais. Pistas de um suposto assassino, ou grupo de assassinos? Nenhuma. O fogo destroçara os corpos, se bem que sucessivos exames feitos por diferentes médicos legistas tinham revelado marcas de agressão física e insinuantes cortes e *perfurações*, como se as quatro pessoas no carro tivessem sido atacadas com diversos golpes de algum tipo de lâmina de constituição não metálica... ou como se tivessem sido mutilados pelas garras e presas de *algum tipo de fera selvagem*.

Seria mais fácil para os policiais federais suspeitarem de um urso, tigre ou leão que pudesse, na época do acidente, ter estado à solta, rondando o local, do que de um ato premeditado por um jovem albino de porte físico mediano, delgado, dito por si mesmo portador de uma doença de pele que o impossibilitava de permanecer exposto à luz do sol durante mais do que alguns minutos.

O problema é que não existiam registros de ursos, tigres ou leões, nem de quaisquer outros animais ferozes, não apenas nos arredores, como em todo o estado, e em um intervalo de tempo longo o bastante para excluir qualquer ataque de animal das possíveis causas para o acidente. Nenhum animal havia fugido dos últimos cinco circos que tinham percorrido o estado nos últimos vinte anos, e o parque zoológico mais próximo ficava a não menos de quatrocentos quilômetros de distância, boa parte dessa quilometragem pontilhada por áreas esparsamente habitadas, onde a população não levaria mais do que meia hora para encontrar um pequeno coelho selvagem que fosse, caso este viesse a fugir.

O resultado de toda está quantidade de informações desencontradas era uma série de palpites infrutíferos, prisões e solturas consecutivas...

"Eu só queria deixar você aqui dentro, filho, pegando sol durante um dia inteiro..."

"Faça isso, e quem vai ter que responder por um crime de verdade vai ser você."

"Seu filho da mãe desgraçado..."

... e uma porção de detetives federais, estaduais e municipais se arrancando os cabelos.

Nenhum resultado prático, pelo que se podia ver.

Mas tudo isso fazia parte do passado. O jovem de cabelos brancos estava cansado de tanta perseguição, e só queria ficar sozinho.

"Qual é a estrada que leva para o fim do mundo?"

"É aquela ali."

"Obrigado."

Enfim. Ele havia chegado ao fim do mundo. E agora, dizia de si para si, seria o que Deus quisesse.

Como foi dito, o jovem albino não era o tipo de pessoa que venha a se arrepende do que fez ou deixou de fazer.

* * *

O gigantesco caseiro, debaixo de seu manto negro, permaneceu fechando cadeados, puxando travas metálicas e girando chaves em um grande número de fechaduras por algum tempo, conferindo pleno isolamento a ele e ao seu visitante daquele restante do mundo que ia sendo continuamente despedaçado pelo aguaceiro que caía do lado de fora do casarão.

Um búfalo, um rinoceronte que fosse, em disparada, não passaria daquela imensa porta dupla, forrada de lacres e trancas, imaginou o rapaz de cabelos brancos, bem curtos, desgrenhados pela chuva. Acomodou suas mãos dentro dos bolsos da calça *jeans*, enquanto o caseiro disforme se perdia entre as várias chaves que carregava consigo e vãs tentativas de vigiar aquele visitante.

Esforçando-se para ver com a pouca luz que vinha do lampião que o caseiro segurava, e que balançava sem parar, o jovem procurava captar algum detalhe interessante das grandes muralhas que constituíam o túnel que o cercava. Ao que parecia, a porta dupla, luxuosa, incrementadíssima, que o monstruoso criado acabava de fechar, não passava de um embuste, um exagero, tendo em vista o buraco fedorento e escuro onde tinha vindo parar, depois de ter transposto a exuberante divisória. A maior parte, senão todas as portas deste tipo que ele conhecera invariavelmente estabeleciam ligação direta a luxuosos salões, *halls* requintados, bem daqueles onde há finos candelabros...

- Venha por aqui - disse o caseiro, colocando a pulseira repleta de chaves grandes e pequenas em um bolso escondido no interior de seu manto.

... dispostos pelas mesas, e os lustres pendem como estalactites do teto, e os tapetes são como relva macia, florida e vistosa no chão.

Ali, naquele lugar tétrico, no entanto, a porta grandiosa servia apenas de fachada, ocultando um túnel que lembrava os tantos e tão largos canais de esgoto que o rapaz tinha podido ver nos filmes que retratavam os submundos fétidos das grandes cidades do seu e de outros países. O cheiro de podridão, que os filmes quase permitiam que fosse sentido, impregnava chão e paredes daquele local inteiro, fazendo com que o visitante de cabelos brancos tivesse a impressão de ter posto os pés em um cemitério.

Puseram-se a caminhar, o jovem seguindo os passos largos, claudicantes, do criado. A chama da lanterna a querosene oscilando, criando fantasmas de sombras pelo caminho. Os paredões do corredor pareciam terem sido feitos com blocos de granito talhados sem cuidado algum, de tão irregulares que eram. Pontas mais pronunciadas nos blocos de rocha absorviam em parte a luminosidade da chama, produzindo figuras de contornos escuros e afiados que davam ao rapaz a impressão de que este se encontrava cercado por paredes feitas de escamas.

O gigante tampou com a mão uma das quatro janelinhas do lampião, a única que estava defeituosa, com o vitral quebrado, tentando impedir assim o bruxuleio da chama, o que serviu para consumir quase metade do seu foco, deixando o caminho ainda mais escuro e bizarro.

O chão era formado pelos mesmos paralelepípedos toscos que tinham sido empilhados nas paredes. Ali, no entanto, os largos rochedos estavam colocados uns dos lados dos outros, como azulejos, dispostos diametralmente, com a luz trêmula da chama a evidenciar ainda mais as imperfeições e ranhuras de suas superfícies.

Os vãos entre os blocos de pedra do piso faziam os dois homens tropeçarem. O enorme caseiro, debaixo de seu manto, apoiava seu braço comprido como a asa de um abutre nas paredes, empurrando-se para frente com a mão que estava livre, como se ainda estivesse aprendendo a caminhar e a sustentar-se com as próprias

pernas. A mão que segurava a lanterna ia baixando mais e mais conforme aquele homem caminhava, fazendo com que as sombras surgissem ainda mais agressivas por todos os lugares.

Decorridos alguns minutos, os dois homens chegaram afinal em uma porta simples de madeira que se encontrava na parede da direita do corredor, o qual ainda seguia em frente, sendo envolvido pela escuridão. Pararam de caminhar. Tinham andado cerca de catorze penosos metros.

Ouviu-se um ruído abafado e grave, um trovão dos mais fortes, decerto. O ruído da chuva, já inaudível, assomou em forma de lembrança à mente do rapaz. O cheiro da mofo impregnava o ar quase a ponto de torná-lo sólido.

O caseiro suspendeu a lanterna em um suporte praticamente invisível que havia ali perto, e tratou de remexer os bolsos de seu manto, fazendo com que surgisse uma grande chave solitária, diferente das outras que ele transportava no molho de chaves. O caseiro engatou-a no buraco da fechadura, girando-a até o ponto em que uma seqüência de cliques se fez ouvir. A chave então foi removida da fechadura, e voltou veloz para o mesmo bolso de onde tinha vindo.

Pelo visto, tal homem era muito cuidadoso com suas chaves, ou com a segurança daquele local, cogitou o visitante de cabelos brancos, em silêncio, desejoso de saber a que se devia tanto cuidado.

- Siga-me - ressoou a voz do homem de manto.

O jovem visitante conseguiu visualizar uma escada de madeira, em caracol, que torcia-se para a direita, e para o alto, de onde vinha uma certa luminosidade.

O velho de manto entrou, fazendo sinal para que o jovem fosse o primeiro a subir, enquanto ele utilizava novamente a grande chave e puxava mais alguns trincos, tratando de vedar, talvez para sempre, o acesso ao fétido corredor.

O jovem de cabelos brancos subiu os velhos degraus triangulares, que deviam ter mais de um metro de largura, sentindo o ar, provavelmente viciado, que enchia-se de pureza ao ser comparado à atmosfera decadente e corrompida que impregnava o corredor. O velho o seguiu, e só então o rapaz percebeu que o lampião de gás havia sido deixado preso ao suporte, no corredor, o que lhe pareceu um tanto ilógico.

Qual seria o motivo de tantas medidas de segurança, imaginava ele. *"Por que tantas fechaduras e cadeados? E por que será que ele esqueceu a lanterna acesa lá embaixo? Não que ele seja necessário aqui, afinal há luz suficiente... Será que ele pretende voltar lá para baixo?"*

Enquanto pensava, o rapaz foi surpreendido por uma outra lanterna que surgiu pelo caminho, cuja luz enaltecia a parede circular também feita de pedras empilhadas, cujo acabamento parecia ser ao menos um pouco melhor do que o das paredes do corredor. A luz da chama fez seus olhos arderem, e ele soltou um breve gemido de dor, fechando-os. Momentaneamente cego, o visitante acabou tropeçando nos degraus, mas logo se refez, procurando reencontrar seu caminho.

Após terem dado umas duas voltas na escada em espiral, os passos fazendo com que os largos degraus de madeira escura sibilassem e rangessem, os dois homens alcançaram uma outra porta dupla, lisa e sem entalhes, ao final de um degrau que era mais de três vezes mais comprido do que os que se viam na escada, formando uma meia lua a delimitando o fim da subida.

Luz era irradiada através das frestas da porta dupla, e uma outra chave de tamanho mediano havia sido previamente posicionada na única fechadura que havia, interligando as duas portas. O caseiro aproximou-se, ultrapassando o

jovem, que deu um passo atrás para liberar espaço. Os grandes dedos do homem surgiram debaixo do manto e agarraram a chave, fazendo-a girar.

As portas se abriram, uma sendo empurrada para cada lado, a acabaram revelando um outro corredor, cujas paredes eram, assim como o teto, de madeira. Uma lâmpada elétrica incandescente pendia do teto, e iluminava prodigamente todo o pequeno ambiente.

O rapaz de cabelos brancos encolheu-se, tapando a vista com uma das mãos. *"Eles têm luz aqui neste fim-de-mundo? Mas, não havia nenhum poste de luz pelo lugar onde passei... ou será que havia?"*, cogitou.

O jovem pôde ouvir os passos desajeitados do caseiro se distanciando em direção ao corredor. Abrindo os olhos, ainda encobertos com a mão, o jovem tratou de acostumar-se com a luz, seguindo também ele pelo corredor.

Viu alguns pares de portas simples, de madeira, recortados tanto na parede esquerda do corredor quanto na direita. Lembrou-se do corredor da pensão onde havia vivido seus últimos dias junto à civilização, corredor aquele que também era cheio de portas que davam para os quartos. Aquele corredor, contudo, era muito mais estreito do que este em que estava agora, e também não era tão sombrio.

Lembrava-se bem de seu antigo quarto... o quarto do final do corredor, última porta à esquerda, e do alçapão que lá havia, o qual dava acesso, por intermédio de uma escada dobrável, ao porão da pensão. Um lugar misterioso, tomado pela escuridão, que ele costumava visitar diariamente, e onde dormira várias vezes...

Olhou em torno do corredor imenso, mais de dois metros de largura, onde estava. Ornamentos e rodapés escuros de madeira, esculpidos em um estilo arquitetônico difícil de identificar, incrementavam os cantos e divisões, servindo para dividir paredes, teto e piso. As paredes tinham sido pintadas em alguma cor clara que a luz amarelada da lâmpada corrompia. Quadros com pinturas de bustos de homens e mulheres, trajados de modo aristocrático, separavam, de quando em vez, uma porta da outra.

Uma outra porta dupla, com motivos em madeira semelhantes aos dos rodapés tanto na cor quanto no formato, e um interruptor de luz fluorescente do tipo mais barato, era o que se podia ver no final do corredor. Um cabo elétrico saía da caixa plástica do interruptor e serpenteava, preso por uma série de grampos metálicos, rumo ao teto, onde desaparecia em um canto.

"O luxo.. e o lixo da nova civilização", ironizou o rapaz.

Sem girar nenhuma chave desta vez, o velho, bem menos ameaçador e nem tão imenso agora que as sombras tinham deixado de incrementar os traços de sua capa de chuva desbotada e esfarrapada, teve apenas que girar um par de maçanetas e empurrá-las para...

- Entre, senhor.

... que as portas se abrissem e se desenhasse a maior das mudanças no seio daquela que devia ser a mais estranha das casas, ou então a mais fantástica. Boquiaberto, a mão ainda a proteger sua vista da luz, o jovem sentiu o cheiro do requinte ao adentrar justamente aquele que deveria ter sido o ponto de recepção, e que devia ter estado localizado logo após a primeira porta do pavimento inferior, no lugar do inóspito corredor de pedra.

Não havia o mais leve sinal do cheiro de podridão que ele sentira antes - em lugar disto, recendia o leve aroma das muitas plantas, samambaias, flores diversas, que pendiam de vasos e arranjos feitos em barro, raízes e cascas de árvores, suspensos em cadeias de correntes, preenchendo de verde e vida paredes e teto do

salão não muito extenso, mas muito iluminado, que se desenrolava tal como uma bela pintura à sua frente.

- Aguarde aqui, por favor - disse o velho caseiro, fazendo uma mesura. Possuía olhos realmente enormes, intimidantes, e uma face flácida, tão branca e sem vida quanto os cabelos do rapaz. - *Milady* logo virá recebê-lo.

Após isso, retornou para o rústico corredor de madeira, fechando a porta dupla e desaparecendo.

Ao rapaz de cabelos brancos, coube apenas cumprir o pedido.

Enquanto acostumava a visão à luz forte que o deixava quase cego, perambulava e procurava observar os detalhes desta que devia de fato ter sido a sala de recepção, mesmo estando tão longe da entrada do prédio... Uma sala repleta de aconchegantes estofados, sofás e poltronas cobertos de almofadas macias e brilhantes nos quais ele não tinha coragem de sentar, apesar do cansaço que sentia, e mais carpetes finíssimos, deitados ao chão feito de largas tábuas escuras e envernizadas, ou pendurados pelas quatro paredes que pareciam feitas de gesso de tão brancas, das quais ele tentava manter-se afastado. As tapeçarias eram estampadas, entrelaçadas ou cerzidas com as mais belas representações orientais, caricaturas de deuses e de mortais e outros tantos ideogramas impossíveis de se identificar. Ao centro da sala, entre as tapeçarias e estofados, uma mesa não muito estreita, bastante baixa, onde se viam uma porção de vasos pequenos, em que pequenas árvores *bonsai* estavam plantadas, esculturas *origami* de papel, e outras tantas quinquilharias e minúsculos apetrechos, aparentemente esparramados ali a esmo, porém com sabedoria e elegância, pois nada naquele ambiente parecia ser visualmente ofensivo ao rapaz, com exceção dos lustres que pendiam do teto, e para os quais o jovem não conseguia olhar, pois produziam luz em demasia para quem havia ficado durante tanto tempo no escuro.

Piscando os olhos, fascinado com o deslumbrante ambiente tanto como atormentado pelo excesso de luz, o visitante de cabelos brancos lembrou a última frase que havia sido dita pelo caseiro, tendo o cuidado de enfatizar a primeira daquelas quatro palavras, que o atraía tanto por ser antiquada quanto pelo que passava a representar...

"MILADY logo virá recebê-lo..."

* * * *

... os mais estranhos casos de assassinato verificados na região, ao menos nos últimos tempos. E o mais incrível ainda é a falta de indícios. Simplesmente não há pistas, e segundo o inspetor NNN, da polícia estadual, que se encontre aqui ao nosso lado, em nossos estúdios, pelo que os homens da perícia puderam perceber, nenhuma arma foi usada pelo suposto lunático, que ao que parece, tratou de... a-ham!... como poderíamos classificar isso... ele tratou de mutilar as vítimas, por assim dizer, não é isso, doutor inspetor? Bom dia. É um prazer recebê-lo em nossos estúdios para esta entrevista exclusiva, que, convém lembrar, está sendo transmitida em cadeia nacional pelas nossas repetidoras. Bom dia, doutor inspetor!

- Bom dia, amigos ouvintes... De fato, bem... na verdade não foi constatado o uso de ai... de nenhuma arma... de nenhum TIPO de arma conhecido, o que não

significa que não tenha de fato existido uma arma envolvida no delito. Na verdade... bem, pode... fica evidente que não se trata de uma arma normal, de uso comum.. Não que armas devam ser consideradas de uso comum ou não. É apenas uma maneira de...

- Entendo. Poderia ter sido uma arma rudimentar? Uma arma indígena, por exemplo?

- É possível... É bem provável, mas não se deve levantar suposições precipitadas. De acordo com os técnicos, as mutilações só podem ter sido provocadas por garras, ou algum tipo de instrumento multi... de múltiplas lâminas, cuja forma de corte lembre ou tenha sido constituída em um padrão análogo ao de uma garra de felino ou urso. Note que não se trata, evidentemente, de uma machadinha ou de um canivete indígena, e sim de algum outro tipo de instrumento de grande peso e contundência, do qual não temos registro.

- Bem, doutor inspetor... E o que está sendo feito pela policia, tanto local quanto estadual e federal, pois ouviu-se falar do envolvimento até mesmo desta que é a mais alta das instâncias policiais... nesta operação... Os ouvintes gostariam de saber o que todas essas forças policiais estão fazendo para remediar esta situação? Existe algum tipo de operação sendo executada para que este elemento - que é um elemento muito perigoso para nossa sociedade - seja detido?

- Sim, bem.. Estamos fazendo o possível. Como você disse, há uma reunião, uma cooperação entre as várias forças policiais. Hoje mesmo, todas as vias de acesso à cidade e arredores foram bloqueadas, e há, seguramente, uma viatura ou destacamento em cada ponto... em cada um destes pontos. Como ainda não temos nenhum suspeito definitivo...

- Nenhum suspeito definitivo? Isso quer dizer que a policia ainda não tem nenhum suspeito, ninguém que possa ser incriminado? Isso é verdade?

- É... Por incrível que pareça. Realizamos algumas detenções, porém nenhuma das pessoas... nenhum dos detidos tinha ou ao menos parecia ter qualquer envolvimento com a série de homicídios. Todos foram devidamente interrogados, fique bem claro. Mas, infelizmente, não há testemunhas, nem outros indícios como digitais ou objetos que possam ter sido deixados pelo criminoso ou criminosos nos locais dos crimes isso nos deixa sem muitas opções de ação.

- O senhor mencionou 'criminosos'... O senhor suspeita de que mais de um homem seja responsável pelos crimes?

- Como eu disse, podemos suspeitar de qualquer um, ou mesmo de muitos, mas isso não resolve nada, pois não podemos sair por aí prendendo qualquer um que venhamos a encontrar pelo caminho. E, nestes casos, mandados são difíceis de serem expedidos...

- Sim. É claro. A policia não pode sair por aí prendendo todo e qualquer tipo que aparecer pela frente. Isso caracterizaria um abuso de poder desnecessário, que poderia até mesmo vir a funcionar contra a própria polícia.

- Exatamente. Nossa função é proteger a sociedade.

- Correto... Muito bem. Vejamos... E quanto às informações que os repórteres da TTT obtiveram, segundo eles em primeira mão, de que... deixe-me ver... hum, aqui está... informações de que os corpos das vítimas teriam sido encontrados em avançado estado de putrefação nos...

- Não, não, não.. Isso tudo não passa de boataria!

- Quer dizer que o senhor nega as informações de uma emissora jornalística de porte internacional como a TTT, sem dúvida uma das mais importantes redes de

telejornalismo da capital, e mesmo do paí...

- Ora, eles que metam o nariz nos assuntos da capital! Eu vi os jornais, e os telejornais da capital, recheados de bobagens. Esses caras enxergam tanto que devem ter visto um besouro ou uma mosca pousando no nariz de um dos cadáveres, e então, no dia seguinte, sai toda essa baboseira a respeito de cadáveres em putrefação nos jornais do mundo inteiro

- E os cadáveres não estavam em putrefação?

- CLARO QUE NÃO! Os corpos foram encontrados alguns dias depois de os crimes terem acontecido, só isso. Cadáveres SEMPRE estão em um contínuo processo degenerativo, a não ser que sejam metidos no meio do gelo, no necrotério, mas isso não significa que esses corpos estavam podres.

- Muito bem. Nosso tempo está quase no fim... Por último, fechando a nossa pauta de hoje, eu gostaria de saber se existe alguma relação entra esta onda de assassinatos que está acontecendo agora e aquela que ocorreu cinco anos atrás, afinal é de se convir que as semelhanças são grandes.

- Eu prefiro não ficar especulando a este respeito.

- Há de se convir que os três assassinatos de cinco anos atrás, que foram acobertados pela polícia por um ano e meio, quando vieram à tona revelaram mutilações idênticas nos corpos das vítimas...

- QUASE idênticas... quase. Não há como estabelecer relações, que não sejam as mais óbvias, entre um caso e outro. Este primeiro caso, que NÃO foi acobertado pela polícia, apesar de as más línguas insistirem em dizer o contrário... Apesar de nossas contínuas e reiteradas investigações, este primeiro caso não teve condições de ser resolvido. Estabelecer quaisquer relações entre um caso e outro, neste ponto, apenas desviaria o rumo das investigações, e, creio, não traria nenhum resultado...

- Certo. Nosso tempo acabou. Agradecemos ao senhor inspetor NNN, do Terceiro Distrito Policial, que está conduzindo as investigações sobre esta nova série de assassinatos que está assustando nossos cidadãos, em um oferecimento de...

* * * * *

- Pois então... isso significa que o senhor chegou até aqui por acidente?

A bela mulher, sentada em uma das poltronas revestidas de um tecido acetinado, colorido em tons pastéis, observava com obstinada curiosidade o jovem que enxugava os cabelos brancos e o pescoço com a pequena toalha azul e felpuda que ela própria havia trazido.

O jovem sorriu.

- Não... A senhora não precisa agir tão... formalmente - disse ele, a voz sumindo debaixo da toalha que agora cobria o seu rosto. - Acho que não sou digno de tanta consideração.

- Tenho certeza que é - comentou a mulher, divertida, descontraindo-se. - Mas, já que é assim que quer, o mesmo então passa a valer para mim. Não estou mais suportando ser chamada de senhora. "Senhora" para cá, "senhora" para lá...

Ela riu, e o vestido branco que envolvia seu corpo pequeno e esbelto riu com

ela. A dona daquele casarão, feito tanto de luxo quanto de abandono integrava-se impecavelmente com aquela que era a parte mais fina e melhor iluminada da moradia. Enquanto o caseiro, que guiara o rapaz até aquele ponto e ali o deixara, dava a impressão de ter saído de um pesadelo, a anfitriã parecia ser parte de um conto-de-fadas, tão encantadora que era. Não devia ter mais de um metro e sessenta de altura, e nem era dona de um corpo dos mais estimulantes para a imaginação. Era magra, e suas mãos eram particularmente feias; muito grandes, ossudas, com dedos muito compridos e algumas pequenas lesões...

- Certo... de agora em diante... - o forasteiro de cabelos brancos devolveu a ela a toalha - fica sendo "você" para ambos.

No entanto, aquela mulher franzina possuía um rosto. E o rosto que ela possuía era o rosto de um anjo.

Olhos azuis, enormes, quase transparentes, com pupilas rodeadas por um mar de sangue e lágrimas mortas. Olhos de diamante, como tesouros envoltos pela lava ardente e triste de muitos prantos consecutivos. Olhos necessitados, infelizes, atormentados por duas sobrancelhas finas, esquivas, orgulhosas talvez. E um narizinho cheio de tracinhos, planejado e esculpido pela divina evolução de modo a ser perfeito.

Olhos de diamante e um nariz de diamante. E uma boca feita de quê? De polpa da mais doce das frutas? Ou seria de pétalas da mais suave das flores?

- Ótimo! Excelente - a dona da casa parecia ser feita toda de sorrisos e compreensão. - Então, continuemos a falar a seu respeito. "Você" veio até aqui de carro?

E além do mais belo rosto que possa ser concebido, a atraente mulher tinha também cabelo... *muito* cabelo. Uma vasta cabeleira loura descia formando uma cascata dourada até quase tocar o chão, esparramando-se pelo corpo da pequena deusa e avolumando-se, liso, sobre seus ombros e busto, enquanto caminhava, e cobrindo boa parte do estofamento da poltrona, confundindo-se com este, agora que ela estava sentada.

- Não, não - ele balançou a cabeça. - Não foi bem assim. "Você" bem deve saber: não há maneira de se chegar de carro até aqui. A estrada está tão interdita que seria necessário utilizar um tanque do exército para chegar até este lugar.

Uma tiara finíssima e prateada, no alto da cabeça, impedia que a cachoeira dos cabelos da bela dama caísse sobre sua face. Ela não usava brincos, nem pulseiras, colares, ou qualquer outro tipo de adereço. A pele de sua face, ao contrário da das mãos, era clara como a pele de um bebê de dois meses.

- Percorri metade do caminho a pé, e por sorte consegui chegar aqui antes da chuva me pegar para valer. Escute, hum... Posso estar sendo indelicado, mas vou perguntar assim mesmo: qual é seu nome, *milady*?

- *Milady* é outra forma de tratamento que me convém dispensar. É arcaico e formal demais. Mas isso não me impede de dizer-lhe meu nome. Chamo-me...

O trovão repercutiu nas proximidades, fazendo com que os alicerces da casa estremecessem.

- Bonito nome - comentou o rapaz. - Mas, o que eu ia falar mesmo? Ah, sim...

Ela olhava fixamente para aquele jovem, sempre exibindo um olhar amistoso e interessado. Ele tinha estatura mediana-alta. Rosto forte, impetuoso; olhos perscrutadores, inquietos. Olhos cujas pupilas viravam para cá e para lá nas órbitas, procurando, investigando, observando muitas vezes ela própria... O cabelo curto, despenteado, branquíssimo, quase a ponto de ser prateado. Veias palpitantes que

saltavam nas têmporas.

- ... e daí o seu mordomo me trouxe até aqui, depois de termos passado pelos... pelos "*esgotos da capital*" -ele balançou a cabeça, parecendo ter se ofendido com o próprio comentário. - Desculpe-me, senhora. Eu não devia ter dito isto.

Notável o nível de formalidade a que o visitante procurava se apegar, sentia a mulher. Ele recusara-se mesmo a sentar em uma das poltronas. E ela percebia o quanto de esforço este tipo de comedimento parecia representar para ele, indubitavelmente desacostumado à lidar com as situações mais cerimoniosas da vida.

- Seria mais correto que você não dissesse "*senhora*". Assim estaria cumprindo sua parte no acordo - falou ela, gracejando formalmente. - E eu também agradeceria se não se referisse à pessoa que o trouxe até aqui como "*mordomo*"...

Veias palpitantes que saltavam nas têmporas. A pele rosada... arroxeadas, para se denotar o ponto exato. Os olhos castanhos, claríssimos, desbotados até.

- Desculpe-me. Sem mais "*senhoras*". - Ele riu, e depois olhou para a bela mulher de esguelha, piscando algumas vezes e franzindo o nariz. - Não devo chamar a pessoa que me trouxe até aqui de "*mordomo*". Por quê?

Tinha olhos castanho-claros, cobertos de gelo, que mesmo sendo tão inquietos, não desviaram ao terem topado com os olhos estáticos da anfitriã.

- Uma vez que o serviçal em questão é meu pai... - declarou ela, baixando o rosto - e... o verdadeiro dono desta propriedade, acredito que não venha a ser de todo adequado que alguém se refira a ele como um simples... "*mordomo*".

Ele olhou em volta, dando a impressão de que duvidava do que havia ouvido. Tinha um corpo até certo ponto atlético. Pernas e braços relativamente musculosos, tronco e cintura bem delineados. Assim mesmo, seu físico era delgado, e ele tinha o peito particularmente encolhido, minguado, contrastando com o razoável volume dos antebraços e ombros.

- Seu... pai?

A linda dama aquiesceu, olhando para longe com pesar.

- Mas.. quando entrei aqui, ele disse-me para que esperasse até que *milady* viesse me receber. *Milady*?

Ela tentou rir, baixando o rosto e escondendo-o com as mãos. Tornava-se incrivelmente frágil nesta posição.

- Ele sempre me chamou assim...

Pareceu ao jovem de cabelos cor de prata que a dona da casa começava a chorar. Seus olhos, lembrava ele. Tão rodeados de vermelho. Por que será?

E aquele sentimento de resguardo que ele sentia em relação a ela. Como que um instinto, que o impedia de querer tocá-la...

- Oh, bem! É o suficiente. Já é tarde da noite. - Ela levantou-se, impulsionada por um suspiro. Os olhos azuis e vermelhos brilhavam. - Acho que estamos todos muito cansados para continuarmos em pé. Siga-me, por favor. Vou mostrar-lhe o seu quarto.

Sãiram da sala de visitas ornamentada, penetrando novamente o corredor repleto de portas. Ela abriu a segunda porta à direita, no sentido em que estavam vindo, e ambos adentraram um grande aposento, onde uma imensa cama larga e antiga destacava-se, cercada por uma tela fina e branca de seda do tipo que serve para impedir a entrada de mosquitos. Quatro pilares de madeira erguiam-se dos quatro cantos da cama, de modo a sustentarem uma cobertura originária dos

moldes moveleiros de um século atrás. Orlas de tecido em cores neutras desciam da cobertura de madeira fina, formando meias-luas de recortes e bordados.

- É aqui que o senhor deve passar a noite - declarou a mulher, piscando as vistas, tal como se tentasse se recuperar de uma súbita tontura. Apontou o quarto ao forasteiro, elevando ambas as mãos, de modo solene.

Cumprimentando-a com um aceno, o rapaz deu algumas passadas tímidas, examinando a pouca luz do ambiente. Viu o vasto tapete preenchido por motivos ainda mais indecifráveis do que os que vira na sala; o amplo guarda-roupas, muito escuro e sinistro; a mesa de tocador, com seu grande espelho ovalado e gavetas com puxadores dourados, e a pequena cadeira de madeira escura... O lustre feito de gotas vítreas, com aquelas cinco lâmpadas elétricas de baixa potência, as quais estavam muito bem acesas...

"Como pode haver tanta luz elétrica neste lugar? Não havia nenhum poste de luz no caminh..."

A porta bateu atrás de si!

Virando-se, o jovem espantado ainda teve tempo de ouvir a chave sendo girada algumas vezes do outro lado da fechadura. Em seguida, passos apressados, diminuindo de intensidade, sumindo ao longe. A mulher de longos cabelos e face encantadora embrenhava-se em alguma das outras alcovas a que as inúmeras portas do corredor de madeira davam acesso, sabe-se lá com que objetivo.

Suspirando, o visitante afastou o véu que cobria a cama e ali sentou-se, conferindo a maciez do colchão e dos cobertores.

"Preso, outra vez", sorriu ele.

E dando de ombros, ficou observando o reflexo dos cobertores desbotados, amarelados, e o vazio de onde estava sentado no espelho oval, cercado pela moldura dourada e rica, que se encontrava sobre a mesa de tocador.

Pensava naquela mulher, e em sentimentos que julgava terem sido há muito esquecidos.

* * * * *

Conversas e sussuros na escuridão:

- ... e o carro dele (uma voz grossa, tonitruante, masculina) *deve ter ficado há alguns quilômetros daqui, tenho certeza. Fui pessoalmente verificar...*

- O quê? (voz de mulher, grave, quase sem inflexões)... *Você foi até onde ele deixou o carro? Está ficando louco?*

- *Não, é claro que não. Porém, as circunstâncias exigiam uma verificação, e assim o fiz...*

- *Meu Deus...*

- *Você sabe tanto quanto eu... que eu não posso sair por causa dessa maldita deficiência. Bastou eu tê-lo trazido aqui para cima para que as dores voltassem... Até a luz elétrica já me prejudica...* (um suspiro semelhante a um grunhido; a voz grossa, monstuosa, masculina). *Eu só dei uma conferida pelos arredores, apenas isso.*

- *Ah, apenas alguns quilômetros de arredores, apenas isso...* (exaltação na voz de mulher)

- Não precisa ficar preocupada.
- Nas próximas vezes (a voz de mulher, agora grave e carinhosa), por favor deixe-me ir atender a porta...
- Não. Não haverá próximas vezes. Ninguém mais pode vir até aqui. Não ouviu as notícias pelo rádio?
- Não. Não consegui ligá-lo.. sintonizá-lo. A tempestade... não consegui sintonizar nada.
- Isso não importa As pessoas, a polícia... eles estão procurando alguém, escute bem isto... e cedo ou tarde vão acabar encontrando!
- Mas eles não têm nenhuma razão para desconfiarem da gente. Eles...
- Eles virão até aqui, cedo ou tarde. Eu sei que virão, e quando isso acontecer, eles farão perguntas, e passarão a bisbilhotar, a vasculhar o passado... e então coisas que deveriam permanecer enterradas e escondidas pelos séculos afora começarão a surgir...
- Mas (muita preocupação na voz de mulher)... não fomos nós que fizemos isso! Pelo menos não desta vez!
- Não importa. Eles vão acabar descobrindo coisas, e nós seremos os prováveis culpados, porque quem está fazendo isso desta vez não deixa marcas nem pistas... e eu tenho certeza que não haverá nenhuma maneira de capturá-lo, nem para a polícia e nem para mais ninguém...

Alguns instantes de silêncio. Ouve-se um som ao fundo, intermitente, como um gerador ou um motor com problemas, que ainda tenta funcionar, sem muito sucesso, acendendo e apagando em repetição.

- ... porque... (a voz grossa de homem murmurando, sumida) quem está fazendo isso agora nasceu... surgiu... veio ao mundo para fazer este tipo de coisa. É a natureza deste tipo de criatura, como é contado nas lendas. Mas, você tinha algo a me dizer...

- Sim (a voz grave feminina, bem mais animada desta vez). Aquele rapaz... eu o vi ontem, quer dizer hoje, dentro de seu quarto...

Um raio caiu nas proximidades. O trovão ressoa como uma dúzia de cargas de dinamite ativadas em seqüência.

Ouvem-se comentários indistintos. O trovão continua a reverberar. Os vidros das janelas próximas estremecem. Uma voz de mulher... a mesma voz de mulher. Frases a princípio incompreensíveis cujas palavras vão se tornando identificáveis a medida que o estrondo produzido pelo raio retrocede...

- ... e eu juro, sou capaz de jurar que foi exatamente isso o que aconteceu!

- Você tem mesmo certeza? (a voz grossa, de homem, desconfiada)

- Já lhe disse que sou capaz até de jurar! Ele é um deles! (a voz de mulher, suplicante)... É como está escrito nos livros, nas lendas. A literatura mais antiga e clássica diz que... veja: (coisas sendo mexidas; páginas sendo folhadas) aqui:... veja por si mesmo... São os mesmos sintomas. Não há possibilidade de que estejamos enganados!

- Há sempre...

Um pique de luz. O zumbido intermitente cessando por alguns instantes. Tudo escurece. A voz de homem é bruscamente interrompida.

- Droga! (voz de mulher) Deve ter acontecido alguma coisa...

A luz volta a acender, e o zumbido entrecortado é ouvido novamente.

- ... com o... gerador. Seja lá o que for, já acabou.

Páginas são folheadas. A chuva volta a cair sem piedade sobre os telhados e

os campos.

- *Se tudo isto que está escrito for verdade (voz de homem)...*

- *Pode ser a nossa salvação (voz de mulher, esperançosa). Ouça, papai! Se for verdade o que está escrito, existe a possibilidade de que ele venha a ser a sua única chance de cura... A nossa única chance.*

- *Mas... isto pode ser perigoso. Dizem que eles são perversos e malignos, e que...*

- *Por favor, pai. Temos que tentar.*

- ...

- *Não teremos outra chance. Teremos que voltar a.. a matar... a usar sangue...*

- *E eles não fazem o mesmo?*

- *Oh, Deus...*

Silêncio. A chuva vai aos poucos amainando.

Mais algumas páginas são viradas. Passos, pés pisoteando a esmo o chão, indo e voltando.

Enfim, um baque indica um livro a ser fechado.

- *Mas, no fim das contas (voz de homem), você tem toda a razão. Temos de tentar.*

- *É isso! Não temos mais nada a perder.*

- *E... milady tem alguma idéia sobre como...*

- *Não... Nunca me chame desta forma... eu detesto quando faz isso...*

Um abraço afetuoso, e sussuros incompreensíveis

- *Sim, (voz de mulher, muito grave) acho que sim... Fique aqui em baixo, onde é seguro.*

Passos se distanciando.

Uma porta sendo aberta em algum lugar.

"Deixe que eu sei exatamente como cuidar de tudo."

* * * * *

Raiou o dia. O sol nasceu.

Por alguma boa mágica, um dos mistérios da natureza, a chuva foi contida e a tempestade instantaneamente se desfez. Pequenas nuvens, desfiadas pelo vento, desfilavam efêmeras pelo azul atmosférico, formando desenhos suaves, de inerente complexidade, que poriam a imaginação dos vivos a funcionar caso seus olhares desatentos fossem direcionados para o céu.

Não havia ninguém vivo naquela mansão sombria, rodeada por pálidas árvores-esqueleto, por capim seco, por fungos e líquens. E entre os que não estavam vivos, grande parte dormia o eterno sono dos justos que é difundido pelas crenças, descansando e apodrecendo para sempre debaixo de suas velhas lápides úmidas, eternas moradas.

Três dos mortos daquela casa, entretanto, dormiam um sono bem menos natural, que somente poderia ser eterno enquanto o dia perdurasse, e cujos sonhos bem poderiam ser transformados em pesadelos assim que a noite tornasse a cobrir com suas sombras aquele lado do mundo.

Três dos mortos daquela casa dormiam, trazendo os sintomas de uma morte infame, amaldiçoada, em suas peles. Dores diversas e diversas necessidades marcavam com chagas as suas carnes. O *sangue* que não lhes era possível produzir ia aos poucos se esvaindo de suas veias, sendo utilizado de formas semelhantes pelos três corpos impregnados de morte, tornando-se viciado e estagnado, consumindo-se.

Três dos mortos daquela casa dormiam, atormentados pelos pesadelos da carência. Infectados com as doenças da carne e da alma.

Três dos mortos daquela casa dormiam, sonhando com o dia em que finalmente poderiam encontrar o descanso eterno.

Apenas um dentre os muitos mortos daquela casa despertou mais cedo, antes daquele dia terminar...

* * * * *

Ao cair da noite, acordado por uma agressiva necessidade que julgava ser apenas sua, o rapaz de cabelos brancos saltou da irretocável cama aristocrática e abriu a janela, deixando o hálito frio do exterior penetrar no quarto do casarão gótico onde estava aprisionado.

Por alguma boa mágica, um dos mistérios da natureza, ele não precisou verificar a porta do quarto para saber que esta ainda estava trancada, e ele ainda se encontrava preso.

Não que isso fosse de todo verdade...

Olhou de relance para o que havia abaixo de seu quarto, no pátio escuro que, de acordo com seus cálculos, devia corresponder ao setor ulterior, aos fundos do grande casarão.

Estava muito escuro, mas mesmo assim ele podia distinguir uma pequena casinhola, de onde vinha um ruído de motor continuamente afetado por consecutivos esgares e variações em sua rotação, algo que ele havia percebido ainda na véspera.

Postes. Dois, baixos, de madeira, muito tortos, onde pendiam fios, estes fazendo ligação entre a casinha de onde vinha o zunido do motor e algum local na parte inferior da mansão. Poças de lama em torno dos postes, e em mais uma dúzia de outros lugares.

A tempestade se fora há algum tempo, julgou o rapaz.

A explicação mais coerente para as tantas luzes elétricas, sempre acesas pelas mais diversas dependências do sobrado... por certo, devia existir um gerador naquele pequeno estábulo, de onde vinham os fios de luz.

Mas como, indagava-se o visitante, como poderia haver um gerador em um lugar como este? Geradores necessitam de combustíveis, ou de algo que sirva para impulsionar seus rotores, quer seja energia pluvial, eólica, ou algo do gênero. Não havia nenhum som de água corrente, e, por conseguinte, nenhum rio próximo o bastante para poder movimentar um gerador. Ele também não tinha visto nenhuma espécie de cata-vento na noite anterior, em lugar algum em torno do casarão. E da fumaça cinzenta do carvão que poderia estar sendo queimado com igual finalidade não era possível sequer sentir o cheiro.

O jovem de cabelos brancos virou-se para o interior do quarto, detendo-se no lustre. Observou as lâmpadas brilhando, sem nenhuma explicação, iluminando o quarto em parte, pois este tornava-se escuro, tanto devido à distribuição dos móveis e adornos quanto em decorrência das cores e estilos pouco convencionais destes. De fato, aquela mobília parecia ter sido pintada com piche, ou besuntada de betume, tão escura que era...

E as lâmpadas, ali, distribuindo suas luzes para quem as quisesse ou pudesse receber.

Ora, se elas tinham alguma razão para permanecerem assim, brilhantes, cheias de energia, ele também tinha seus motivos para querer sair daquele quarto. Seu estômago começava a doer. Suas mãos tremiam. Tal como o modo pelo qual as lâmpadas daquele casarão recebiam eletricidade, a moléstia que assediava permanentemente o corpo do rapaz também não parecia apresentar nenhuma explicação racional, ou ao menos nenhuma explicação aceitável.

No entanto, ambos eram fatos. E os fatos são a verdade. Coisas que acontecem, e pronto.

A barriga dele ardia de fato, e os seus ossos começaram a ficar pesados demais. Uma espécie de agonia subiu-lhe do peito à garganta, fazendo-o contorcer-se, rangendo os dentes e abraçando com fúria o próprio corpo.

A dor. A moléstia que o atacava.

Dois dias. Dois vagos dias tinham se passado desde a última vez. Dois dias...

Aproximou-se da cama e ali se apoiou, lutando contra a infâmia diabólica em forma de peste que dominava seu corpo; contra a besta horrenda que desejava possuir sua alma...

DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR

Encolheu-se todo.

Esticou-se.

Apertava os dentes, forçando as mandíbulas como o *mestre* o havia ensinado a fazer. Depois suspirava, expirando profundamente, expulsando a agonia e a loucura... procurando conter a dor lancinante.

DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR

A técnica funcionava sempre. Não era a primeira vez. Porém, o jovem de cabelos brancos sabia que não devia abusar. A doença era muito forte, e a *fome* tornava-se mais e mais incontrolável quanto mais se tentasse contê-la.

Instintivamente, ele soube que deveria partir.

Lembrou-se da bela mulher de cabelos longos e voz rouca, sua anfitriã. Filha daquele criado grotesco, de mãos e rosto tão disformes...

Não podia vir a ser ela a próxima vítima de seus impulsos assassinos.

Não.

Normalmente a frieza e o desinteresse, e talvez até o egoísmo, serviam de guia para suas ações. Desde o princípio, ele passara a evitar o contato e o apego às outras pessoas... às pessoas normais. Agia assim apenas para não ter que lamentar suas mortes.

Eram os ensinamentos de seu velho *mestre*, graduados pela experiência própria.

Sim. Afinal de contas, o que era ele? Não era mais uma pessoa...

Não.

Era um maldito parasita! Um monstro infernal. Era isso o que existia dentro de si, agora, corroendo, dilacerando suas entranhas: um maldito monstro...

Aquela mulher... Havia algo diferente nela, algo místico, sublime, e ao mesmo tempo apavorando. As lágrimas, o vermelhidão que rodeava suas pupilas. O rosto perfeito, apesar do abatimento e das olheiras profundas. A voz grave, caridosa... calmante...

Apenas lembrar a voz dela parecia ser suficiente para que a temida besta se acalmasse dentro de seu ser, como dizem que ocorre com as feras quando estas ouvem música... boa música... música suave.

As mãos da mulher, tão... tão... *velhas*... Como as de seu velho pai.

...

Sim.

Estava decidido.

Pouparia aquela estranha e bela criatura.

Talvez fosse o pouco de humanidade que restava nele que o estivesse impelindo a tanto.

Talvez não.

Fosse como fosse, assim procederia, abandonando aquela casa de sombras e mistério, o quanto antes.

Voltou-se para a estreita janela, e já estava preparado para saltar - uns cinco metros até o chão... bastante simples para ele, em se considerando suas habilidades extraordinárias - quando notou alguma coisa diferente sobre a mesa de tocador. Uma coisa que ele não havia percebido até então: um envelope, de papel pardo, comprido e largo, metido justamente debaixo daquele pequeno vaso de porcelana branca que ele tinha considerado tão medíocre desde que adentrara aquele quarto.

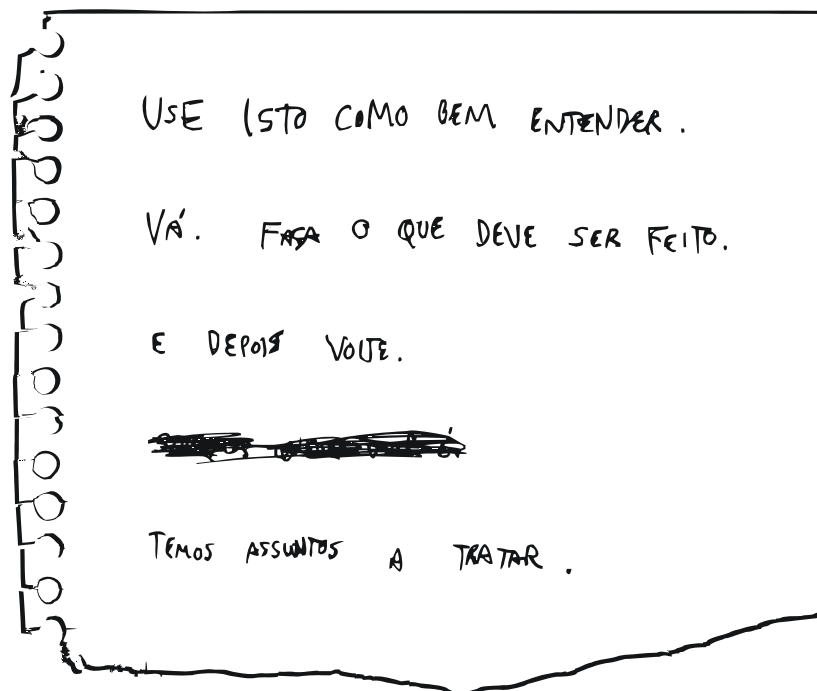
Tirou a vasilha sem flores de lado e remexeu no envelope, que *não estava* ali no dia... na *noite* anterior.

O envelope *não estava* ali, ontem... *Não estava*.

Ou será que ele não o havia visto?

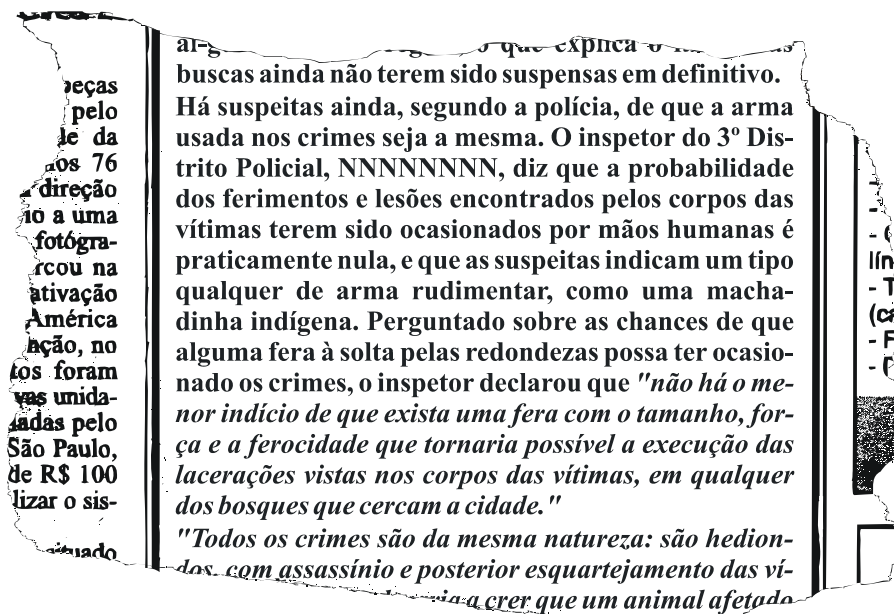
Rasgou uma de suas orlas. Retirou de seu interior um pedaço de jornal amarelado, rasgado, e também um bilhete escrito à mão, com letras tremidas e um tanto ou quanto borradas. Em seguida, envolto em um saquinho plástico opaco, um estranho utensílio que não lhe era possível identificar.

O bilhete dizia:



Uma inicial aparecia no verso da mensagem. Coincidência ou não, tratava-se da primeira letra do nome de sua bela anfitriã.

O trecho do jornal:



Abrindo o pacote plástico, o jovem viu um instrumento que lembrava uma pequena foice, feito de ossos amarrados por uma espécie de malha colorida, cuja lâmina parecia ter se originado de um pedaço de costela devidamente polido e aparado.

arrancando os cabelos brancos, rasgando a própria pele... o sangue escuro como vinho escorrendo, jorrando aos borbotões pelo piso.

O sangue... uma poça de sangue...

O... sangue...

DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR

Sentindo-se aliviado, enquanto via as paredes voltarem a ser madeira escura, e a luz da lâmpada que voltava a ser apenas luz, e não luz e calor, o rapaz lançou-se pela janela, sem perder mais tempo. Na boca, um gosto adocicado, pegajoso. No bolso, um certo utensílio de origem provavelmente autóctone, com o formato de uma foice rudimentar, afiadíssima...

Um utensílio que talvez fosse a chave para sua liberdade.

Saiu correndo, rastejando, saltando enormes distâncias, e embrenhando-se no meio do mato.

Minutos depois, a chave girou no lado externo da porta, o seu matraquear a destruir o silêncio do quarto vazio.

A maçaneta girou e a porta foi sendo aberta devagar.

A passos lentos, a bela mulher de longos cabelos claros penetrou no quarto.

Olhava de um lado para outro sem virar a cabeça. Viu atônita os vidros e a cerâmica espatifados, suas migalhas espalhadas pelo assoalho de tábuas, junto de pedaços de madeira e metal, e trapos rasgados de couro.

Chorava em silêncio.

Um líquido escuro manchava o piso, refletindo em parte a luz do luar que vinha do exterior.

Seguindo até perto da janela, ela observou com mais cuidado a poça de sangue que ia se esvaindo, gota após gota, desaparecendo em meio aos fragmentos do grande espelho - que tanto havia revelado - e os vãos entre as tábuas do assoalho e outros pedaços de madeira.

Ali debruçou-se, sujando o vestido branco imaculado que trajava. Passou o dedo comprido, deformado, trêmulo, pelo líquido que começava a coagular, experimentando-o, inexpressiva. Uma lágrima caiu ao chão, e misturou o sal de que era composta ao agridoce do plasma.

Em algum lugar, um lobo soltou um uivo.

Ela concentrou-se e usou suas mãos feias e instáveis para remover com cuidado, um a um, os pedaços do espelho. Viu seu próprio reflexo sendo multiplicado infinitas vezes.

Baixando a cabeça, os cabelos cobrindo todo o seu corpo como um véu de fios de bronze, ela pôs-se a sorver o sangue depositado no piso, que se misturava com as lágrimas que pingavam sem parar de seus belos olhos azuis cercados de vermelho.

Sabia quem, ou *o que* era aquele rapaz de cabelos brancos, e a pressa deste em sair do aposento, após ter lido o recorte de jornal e a mensagem que lhe deixara escrita no bilhete, lançando-se para a noite e carregando consigo a foice, serviam para corroborar suas últimas suspeitas.

Suas mãos voltavam a ganhar estabilidade. Seus dedos estavam de novo belos e saudáveis, assim como deviam estar as outras partes de seu corpo. O vermelho de seus olhos desaparecia aos poucos, refletido pelos inúmeros fragmentos do espelho.

O sangue amaldiçoado funcionava espetacularmente bem, como ela havia julgado que aconteceria, após ter lido os livros antigos, as lendas medievais.

Lendas que talvez fossem a chave para sua liberdade.

Por sorte, imaginava ela, enquanto saciava sua sede inumana e curava a doença que consumia seu corpo, o rapaz de cabelos brancos não percebera que aquele recorte pertencia a uma edição de jornal datada de *mais de cinco anos atrás*, e que os crimes ali descritos eram outros, assim como os possíveis criminosos.

Por sorte, em sua agonia, ele também não percebera de que se tratavam, quando inteiros, aqueles pedaços de madeira esparramados pelo chão.

Sim, por muita sorte...

* * * * *

Na noite seguinte, tendo sua fome demoníaca já muito bem controlada, e após ter cumprido a recomendação escrita no bilhete que encontrara na véspera, o rapaz de cabelos brancos retornou àquela mansão grandiosa e sombria, que parecia ter sido propositadamente construída no meio do nada, nas imediações do fim do mundo, local este que, em seu entendimento, constituía-se em um perfeito esconderijo.

Dono de si, tendo subjugado as dores fortíssimas que tantas vezes o tinham atormentado, ele tinha passado a lançar mão das amplas vantagens que a *doença* lhe conferia durante os momentos de calma. Estivera na cidade, quilômetros além, e pouco lembrava do que havia acontecido, de suas ações, dos lugares que tinha percorrido na noite anterior. Conseguia lembrar apenas da saciedade, do vazio agonizante e inconsciente que gradualmente tinha sido substituído pela consciência e pela satisfação. Após suas necessidades terem sido supridas, ele lembrava-se de ter olhado o *cadáver* espalhado em vários lugares no chão, despedaçado. As manchas de sangue espalhadas pelas roupas esfarrapadas que vestia, e pelas paredes, e pelo teto. Os móveis destruídos.

A foice artesanal em seu bolso.

Alguém batendo na porta...

Não era o momento de se sentir culpado. Depois de tantas mortes, ele não podia se sentir culpado. Era um predador, e todos os outros eram suas presas.

Exceto a bela mulher na mansão que ficava lá longe, no fim do mundo...

Alguém batendo na porta.

"Ei! Por favor, que... querida... A-bra a... a... porta!"

O odor intenso de álcool e de outras tantas substâncias fermentadas.

"Querida? E-eu... não estou... me sentindo muito bem..."

Um bêbado queria entrar naquele lugar, naquele quarto.

"Querida" era como ele tinha o costume de chamar aquele corpo esstraçalhado.

Um bêbado inútil...

"Va-vamos logo... sua VADIA DE MERDA! Se houver alguém... aí com você, eu VOU MATAR OS DOIS!"

Sim... alguém tinha estado ali, com sua vadia de merda. Mas, por uma fatalidade, não havia ninguém ali que aquele miserável pudesse matar.

A memória não mais traía o jovem de cabelos brancos, revelando com clareza tudo o que se sucedera a partir daquele instante de sangue e consciência. Ele abrira a porta e revelara tanto sua verdadeira aparência quanto o trágico crime que havia sido cometido naquele apartamento. O homem bêbado, estupefato, foi arremessado com um gesto em uma poltrona próxima, onde desmaiou. Coisas tinham caído de seus bolsos - pacotes, pequenos... De um deles havia escorrido um pó branco, finíssimo.

Excelente, pensara o rapaz transmutado, ao ter deixado a pequena foice, suja de sangue, repousando nas mãos do indigente desacordado.

Ele então partira, infinitamente menor, saltando a janela do prédio elevado que ele nunca vira antes, para dormir em um lugar escuro qualquer, ciente de que não existia a menor chance de que as impressões digitais de uma criatura não-humana de quase três metros de altura e mãos grandes como patas de urso fossem sequer descobertas pela polícia, durante as investigações que seriam levadas a cabo em dias vindouros.

E agora, singrando os céus como um pequeno míssil negro, aproximava-se do velho casarão onde a bela e *estranha* mulher vivia.

Tudo graças à sua doença... e ao seu poder.

Era um vampiro!

Suas asas membranosas, finas, o levavam com rapidez e desenvoltura pela noite infestada de mosquitos, onde até o vento parecia exibir contornos soturnos. Seus sentidos, feitos de gritos e de sons reverberantes, o guiavam pela escuridão. As linhas magnéticas da terra lhe serviam como pontos de referência exclusivos, bem mais precisos do que quaisquer placas de sinalização. Transformado em uma criatura da noite, ele não tinha como se perder.

Uma coruja o havia perseguido por algum tempo, mas não fora difícil despistá-la, afinal a trajetória de vôo dos morcegos é bem mais maleável, digamos assim, do que a das grandes aves.

Diziam as lendas e fábulas dos humanos que os vampiros tinham o poder de controlar as criaturas da noite, corujas, lobos e morcegos...

Pobres humanos - que sabem eles a respeito dos vampiros?

Uma coruja com fome é sempre uma coruja com fome. E o vampiro dava graças a Deus por ter conseguido despistá-la rapidamente. Uma luta aérea contra uma ave de tal porte poderia ser fatal, até mesmo para uma entidade com os seus poderes.

Mais tarde, percebendo algo de estranho na forma como os sons retornavam aos seus ouvidos, o morcego desceu em uma ravina, não muito distante do grande sobrado, onde havia alguns arbustos altos, entre outras coisas. Sentindo-se seguro, pois estas outras coisas *não se moviam*, o quiróptero desceu como uma folha seca que cai, o rufar de suas asas tão aparentemente desconexo que dava a impressão de que ele havia sido alvejado em pleno vôo.

Aproximou-se de um galho em uma pequena árvore, para onde se projetou com velocidade e absoluta precisão, dependurando-se com seus dedos finos, de ponta-cabeça. Era a hora de ser rápido - seus atuais sentidos funcionavam com total precariedade quando estava no solo ou em um lugar não muito elevado, o que o tornava uma presa fácil para qualquer *outra* criatura notívaga. Pensando e movimentando-se como morcego, ele agarrou-se de galho em galho, descendo desengonçado pelo arbusto, até chegar ao chão.

Seu corpo então começou a crescer e a se modificar, induzido a tanto por um

instinto que nada tinha em comum com os demais morcegos...

Nu, entorpecido, o jovem de cabelos brancos procurou ajustar a vista às numerosas fontes de luz, aos novos padrões de cor que assomavam pelo lugar inteiro à medida que sua metamorfose ia acontecendo.

Era sempre tão difícil, tão estranho, ter que deixar de ouvir as imagens e passar a vê-las... Seus olhos ardiam, e ele sempre era acometido por uma surdez repentina e momentânea, dada a escassez de sons que podiam ser captados em sua forma humanóide.

Em noite muito frias, chegava a sentir dores-de-ouvido, muito difíceis de controlar, principalmente caso não estivesse com o corpo quente, cheio de sangue.

Ele cambaleou, girando o corpo em falso, sem ter como depender mais do esquema tridimensional, táctil, de sons. Caiu ao chão, onde se encolheu, levando as mãos à cabeça. A respiração, os batimentos cardíacos, todos os movimentos de seu corpo eram desacelerados, uma, duas, três vezes... Era necessário que se concentrasse e retomasse o controle do próprio corpo, agora em forma humanóide, detectando e interpretando corretamente seus novos sentidos. A mente se desenvolveu e, em segundos, o raciocínio mais lento tomava o lugar do instinto na velocidade da luz, modificando o modo de ser e de agir do vampiro, que elevou a cabeça e piscou as vistas para poder ver o que se encontrava em redor.

Lembrou-se das coisas que havia apalpado indiretamente por intermédio do som, enquanto morcego. *Coisas que não se moviam.*

Coisas bastante familiares.

Roupas!

Estava nu.

Como sempre acontecia depois das metamorfoses, ele estava nu.

Precisava vestir algo.

Mas... *quem* havia trazido roupas para aquele ponto do matagal?

Enquanto procurava pelas roupas, tecidos maleáveis, finos, pouco compactos, dispostos de forma regular sobre uma outra superfície, muito densa, com formato quase oval... *uma pedra*, o homem nu lembrou-se de que tinha bebido do próprio sangue, na noite anterior, o que contivera por algum tempo sua fome assassina. Era o que *o seu mestre* o tinha ensinado a fazer sempre que a situação se tornasse crítica, e a fome, insuportável.

A reciclagem do próprio sangue, já rarefeito de oxigênio e de quaisquer outras propriedades nutritivas, nos momentos de desespero, servia de paliativo, procrastinando a crise, deixando tudo para depois.

Havia, contudo, efeitos colaterais: o sangue pobre, podre, enganava o paladar e acalmava momentaneamente a sede, mas em seguida...

As *dores* tinham começado assim que ele se utilizara deste expediente pela primeira vez. Tempos atrás, vagara pelo deserto, onde a maior parte das criaturas possui seiva, e não sangue, em seus corpos. Buscava redenção de seus pecados, por assim dizer. A fome era desesperadora e *seu mestre* não estava mais ao seu lado para orientá-lo.

Ele passou muitos dias alimentando-se de si mesmo naquela época, em que seus sentimentos mais humanos e egoístas o tinham levado a pagar pelos erros dos outros. Canibalismo, autofagia, loucura. Hoje em dia, restavam as seqüelas.

Nunca sentira as dores antes disso. Por mais estranho que isso pudesse soar, ele era um vampiro com problemas de saúde. E não havia um só médico no mundo que fosse capaz de diagnosticar sua doença, sem que arriscasse a própria

vida, o próprio pescoço, durante o processo.

Bem. Pelo menos não sentia as dores *agora*.

Girou a cabeça, procurando as roupas. A pedra em formato de sabonete... Lá estavam!

Levantou-se, e caminhou pisando a mistura de relva, tolhas secas e barro que forrava o chão daquele bosque.

A pedra não era assim tão arredondada quanto seu radar de morcego lhe tinha revelado. Camadas de musgo e líquens a cobriam, junto de uma pilha de roupas. Uma camisa, uma blusa de gola comprida, um par de calças *jeans*, sapatos, meias...

Será que *milady* tinha trazido as roupas até aquele lugar?

Vestiu-se e dirigiu o olhar para a luz das lâmpadas que lançavam fochos amarelados em meio ao arvoredo, protegendo a vista sensível com a palma da mão.

Como uma sombra, aproximou-se do casarão. À medida que sua visão melhorava, foi identificando os postes toscos e os cabos que iam de encontro ao pequeno casebre, onde o insistente gerador podia ser ouvido de longe, mais estável desta vez.

A luz do quarto onde passara um dia inteiro estava acesa; a janela, aberta. Uma mistura de odores diversos descia do quarto até o ponto onde ele estava, trazida por uma obediente corrente de ar.

O rapaz de cabelos brancos aproximou-se da parede do casarão, bem abaixo do quarto aberto. Colocou as mãos na parede, e a seguir os pés, e começou a subir. Havia muito, seus poderes tinham permitido que decifrasse os mistérios da gravidade e da massa, que permitem que os corpos se situem uns acima dos outros no espaço, e ele usava estes conhecimentos em causa própria, redirecionando o próprio peso, e subindo pelas paredes, literalmente.

Apenas uma condição se fazia necessária para que os cheiros viessem ter ao seu encontro e para que seu corpo se tornasse leve como a fumaça... Devia haver *sangue* circulando em suas veias, pulsando em seu coração.

Muitos litros de sangue humano.

Sangue quente.

E uma certa dose de concentração.

Desistindo de andar de quatro, ele simplesmente correu pela parede, pisando-a com suas duas pernas fortalecidas, enquanto saboreava alguns segundos de total distorção das leis físicas.

Tendo vencido os cinco metros que separavam a grande janela do chão, o vampiro posicionou-se paradoxalmente ereto na diagonal junto ao parapeito, girando a si mesmo como se seus pés fossem o único eixo e ponto gravitacional a ser considerado, e afinal projetando-se para o interior do aposento iluminado, sem nenhuma cautela, de um salto, com seu corpo sendo incrivelmente transportado pela brisa servil até o centro do quarto.

O quarto estava limpo. Escuro como de costume, mas limpo.

Enquanto olhava para a mobília soturna, tentava lembrar do que havia ocorrido naquele local, duas noites atrás.

O vaso... o envelope com a pequena foice feita de ossos...

O espelho que não permitia que visse seu próprio reflexo.

O sangue... seu sangue.

Olhou para trás, entre a janela e a imaculada mesa de toucador.

Sim, o quarto estava limpo. Não havia nenhum fragmento do espelho no

chão. A cama estava feita, e a mesa de toucador vazia. Nem sinal do vaso branco, nem do envelope, e nem do espelho oval.

O jovem não conseguia se recordar de ter havido uma cadeira naquele quarto, antes, mas caso houvesse, ela não estava mais ali, e as lembranças a tinham reduzido a meros fragmentos pontiagudos de madeira. Não conseguia lembrar direito o que havia acontecido quando a fome tomara conta de seu corpo.

Lembrava-se apenas do sangue... e da dor.

Apreensivo, identificou a larga mancha escura no piso, no ponto exato onde desabara, ferido e curado pela insanidade que dominava sua vida, o líquido vermelho a vaziar da ferida que já não passava de uma fina cicatriz em seu pulso.

Alguém tinha limpado o lugar, revelavam-lhe seus sentidos peculiares. Sim, alguém tinha feito uma faxina, removendo tanto os pedaços do espelho quanto os restos da cadeira de madeira, cuja imagem ele ainda tentava ver, junto à mesa de cabeceira.

Alguém tinha limpado o lugar... *mas não o sangue!*

Seu sangue, vivo, maldito... Seu sangue estava agora *em algum outro lugar.*

Um corpo... ele podia ver as imagens do passado dançando à sua frente, seu sangue frio misturando-se ao sangue quente de uma outra criatura. O líquido nocivo, que havia envenenado as veias e artérias de um outro ser que cometera o erro de prová-lo. Uma grande forma... humana... uma pessoa!

A mulher!

Como um louco movido pelo vento, presas à mostra, o jovem de cabelos brancos atirou-se em direção à porta do quarto, disposto a arrebatá-la caso ela ainda estivesse trancada.

Girando a maçaneta, ele descobriu que não estava.

Penetrou no corredor, concentrando-se nas emanções familiares oriundas do sangue que lhe pertencera. Sabia que as moscas nojentas tanto quanto os vermes e decompositores mais perversos recusariam aproximar-se de seu sangue contaminado. Não existia decomposição para um vampiro, e muito menos para o seu sangue imortal. Havia apenas a transferência, como o mestre dissera antes, empregando um vocabulário complexo. Vampiros eram como a água que se evapora quando o calor a aquece. O sangue separa-se do corpo, procurando refugiar-se do calor, do fogo, e de certos tipos de irradiações. Transforma-se em gás, ou em poeira, espalhando-se com o vento, perdendo suas propriedades, tornando-se inofensivo. Resta apenas a fisionomia esquelética, ressequida, do que outrora havia sido uma peste, um vampiro.

Mas ele não tinha tempo para pensar. Apressado, flutuou em passos largos corredor adentro, farejando a linha tênue que era identificada pelos seus instintos. O que restava de sua sexualidade, de sua humanidade, o impelia a correr, a fim de impedir uma tragédia, ou pelo menos tentar.

Mentira! Havia *algo mais* naquela mulher, e em seu velho pai.

Algo repulsivo, na carne... *no sangue* de ambos.

Algo que o impedira até mesmo de pensar em atacá-los.

Ele entrou pela primeira passagem que viu, procurando imaginar o que de fato estava acontecendo.

* * * * *

O rapaz de cabelos brancos encontrou afinal a bela dama, que o conduziu através de caminhos tortuosos e lúgubres, muitos deles parecendo terem sido escavados em rochas duríssimas, até uma espécie de compartimento secreto, intercalado por duas portas, a primeira delas levando diretamente ao corredor escuro, que fedia a podre, pelo qual o velho disforme, que era o pai da moça, o havia guiado durante a noite de tempestade em que adentrara o casarão pela primeira vez.

Pelo caminho, conversaram, e ele ficou sabendo da deformidade que acometia a ambos, tanto pai como filha - uma espécie de degeneração profunda e contínua das células, que se originava de um distúrbio provavelmente residente no sangue - algo como uma anemia aguda, rapidíssima, que afetava primeiro a corrente sangüínea, estendendo seus efeitos depois a todos os demais tecidos do organismo.

A mulher não sabia lhe dar mais detalhes a respeito da doença, mas mesmo assim, de posse da maior parte de sua humanidade, o rapaz albino sentiu um grande pesar.

Isso explicava a sensação, o estranho instinto que o impedia até mesmo de querer tocá-la, que ele a princípio julgou ser alguma forma de respeito, ou mesmo carinho. Na verdade, era a deformação constante nas células sangüíneas dela e do pai que tinham bloqueado seu desejo latente de se aproveitar da oportunidade de possuir seus corpos, mesmo estando com tanta fome, e sentindo tantas dores.

O sangue deles funcionava como *um repelente para vampiros!*

Também descobriu que sua anfitriã sabia quem, ou *o quê*, ele era de verdade...

"... você é uma criatura da noite, de verdade, como aquelas de que nos falamos as lendas. Eu sei..."

... e que, tal como ele, pai e filha doentes também necessitavam de reposições contínuas de sangue, que poderia tanto ser ministrado por via intravenosa quanto ingerido oralmente, servindo para retardar o avanço da moléstia, anuviando em parte os seus efeitos.

No compartimento, semelhante a um pequeno depósito, sentaram-se em duas banquetas improvisadas com velhos caixotes de madeira. O lugar não passava de um túnel cavado na terra, sustentado por uma estrutura informe de tábuas, calços e colunas de madeira grossa, que naquele ponto havia sido alargado e toscamente incrementado com velhos equipamentos elétricos e mecânicos e pilhas de sucata, talvez tendo em vista oferecer algum conforto e funcionalidade, ou simplesmente alguma lembrança do mundo da superfície.

Ficaram em silêncio alguns instantes.

O cheiro de humo impregnava o ambiente. Minhocas e insetos podiam ser encontrados rastejando entre camadas fofas de terra, circundando as pegadas de ambos. Raízes pendiam do alto como lustres, cercando a única lâmpada de verdade, a qual descia torta no centro do aposento, os cabos de luz que a alimentavam, juntamente com outros tantos de espessuras variadas, indo e voltando pelas ramificações do túnel, presos aqui e ali no teto por grampos de metal e braçadeiras quase invisíveis. Camadas de limo e musgo deixavam as paredes verdes em alguns pontos, ao passo que em outros, pedaços cinzentos de laje duríssima transpareciam.

Percebendo que seu sangue corria dentro das veias da mulher, o vampiro rompeu o silêncio e inquiriu-a, desejando saber como ela o havia reconhecido.

"O espelho... Na primeira noite, quando o guiei ao seu quarto. Eu vi que não havia nenhum reflexo no espelho. É... é assim que acontece. É como nos contam as lendas."

... e por que ela tinha bebido de seu sangue, se sabia o que ele era.

"Não somos melhores do que zumbis, eu e meu pai", disse-lhe a dama, sua voz soando vazia, sem emoção alguma. Seu vestido branco, coberto de manchas escuras de terra e de sangue coagulado. Seu cabelo, antes vistoso, agora seco e sem vida, e as olheiras profundas realçadas pela pouca luz... nada obscurecia sua beleza, o tom cristalino de sua tez.

... e nem a repulsa que o vampiro sentia ao observar com olhos de raios-X a repugnante mistura de sangue e peste, desenrolando-se tal e qual um triste espetáculo de degeneração e morte, dentro de veias e artérias, dentro do coração da jovem.

O velho mordomo surgiu, claudicando pela passagem por onde o casal antes viera, e a mulher levantou-se para ampará-lo. Seu rosto branco, as carnes flácidas, mortas, repelia apenas em ser visto. Vestia os mesmos trajes negros, esfarrapados, que o rapaz havia visto na noite em que ali chegara. Balbuciu algo em uma língua que o jovem de cabelos brancos não podia compreender. Depois começou a tossir, e foi levado pela filha para algum lugar mais adiante, desaparecendo com ela dentro do túnel.

Minutos depois, voltava ela, como um fantasma solitário, caminhando a passos leves de encontro ao rapaz. Sentou-se novamente na pequena bancada, e cobriu o rosto com as mãos. Seus cabelos esparramaram-se em volta de seu corpo, e caíram ao chão, os fios claros misturando-se com a terra escura.

O silêncio imperou absoluto, novamente, por uma eternidade que durou não mais do que alguns minutos.

O vampiro então comentou que não poderia ajudá-la. Não sabia curar doenças... Apenas as transmitia. Não passava, ele sim, de uma pestilência ambulante. Trazia a dor e a morte consigo, e as disseminaria aonde quer que fosse.

Como um ser de natureza tão grotesca poderia ajudá-la?

Levantando-se, ela se aproximou, olhando-o profundamente. Ele via seu próprio sangue flutuando em torno das maravilhosas pupilas azuis da moça, tornando seus olhos róseos, faiscantes. Perigosamente provocantes.

Via também a face pálida e cadavérica, os olhos negros e vazios da morte. E sentia o seu cheiro, procurando conter a náusea que este lhe causava.

"Meu pai é, ou foi um importante homem da ciência. Foi devido ao uso da ciência que fomos transformados nisso que somos, mas também foi graças à ciência que temos sobrevivido... A ciência, e a sobrevivência, contudo, têm cobrado um preço muito alto. Não somos melhores do que os piores criminosos, ou do que você..."

Silêncio.

"Alguns anos atrás, quando se deu o incidente que ocasionou nossa doença, descobrimos que precisávamos matar para obter sangue vivo e quente, em quantidade abundante, que era necessário tanto para que permanecêssemos vivos quanto para que meu pai prosseguisse em seus estudos, procurando uma cura que nunca foi encontrada. Você deve lembrar do recorte de jornal de cinco anos atrás, e da foice no envelope em seu quarto..."

A memória do vampiro não o traiu, e ele vislumbrou em pensamento a pequena arma feita de ossos, o bilhete e o pedaço de jornal... O jornal era de *cinco anos atrás!* Dominado pela sede e pela dor, ele nem percebera naquela ocasião o quanto o papel daquele recorte era velho...

"Fiquei obcecada com a possibilidade de... de obter uma cura por intermédio do seu sangue. Conversei com papai durante aquela mesma noite, e mesmo tendo ele se oposto a princípio, consegui convencê-lo e pude agir durante o dia. Pensei inclusive em... matá-lo... Procurei até mesmo as armas certas..."

O rapaz sentiu um calafrio. Agora entendia porque seus sentidos não tinham detectado a presença de nenhuma cadeira naquele quarto em que havia passado a noite.

Os fragmentos de madeira que havia visto em um relance, junto ao espelho...
Afixados com tiras de couro na parte de trás do suporte metálico que segurava o espelho.

Ela soubera desde o princípio o que estava fazendo, e havia deixado tudo pronto.

Estacas. Mortíferas. Letais.

Fáceis de serem alcançadas, feitas com partes de uma inocente cadeira.

A mesma cadeira escura que ele havia visto ao ter entrado no quarto pela primeira vez, a qual nunca mais vira.

"Mas, não sei o que poderia acontecer caso eu tentasse. Não sei se as lendas estão completamente certas mas acredito que... que vocês devem possuir muita força. Um poder imenso. E, talvez, caso eu... fizesse algo, um movimento errado..."

Respondendo ao olhar inquisitivo da mulher, o vampiro de cabelos brancos aquiesceu com um leve aceno de cabeça.

Vampiros, segundo um certo nível de conhecimentos que o jovem albino havia adquirido sobre o assunto, não eram seres malignos, vindos do inferno. Porém, de fato, ela não teria uma segunda chance de eliminá-lo, caso falhasse na primeira tentativa. Ter um vampiro como inimigo não é apenas uma promessa de morte breve e certa - é uma garantia.

"Desculpe-me... Perdoe-me, por favor, mas foi o que eu pensei em fazer. Deve entender que estamos desesperados. De qualquer modo, graças a Deus, mudei de idéia. Enquanto você dormia, escrevi o bilhete e coloquei-o junto com o recorte de jornal e com aquela velha arma indígena, dentro de um envelope. Não pensei muito a respeito do que você pudesse sentir ao ver tais coisas, mas eu sei que as estações de rádio andam noticiando as mesmas histórias de cinco anos atrás... As mesmas marcas de garras de animal que a imprensa havia divulgado tempos atrás. A diferença é que, hoje em dia, não somos nós que estamos fazendo isso."

Momentos de silêncio.

O rapaz sentia um misto de temor e admiração enquanto seus olhos fixos e poderosos perscrutavam os da mulher.

Estava diante de uma assassina. Como ele próprio, ela também era uma canibal, e era provável que agisse pensando praticamente apenas na própria sobrevivência. A força de vontade dela, que lhe devolvia um olhar sereno e aparentemente indecifrável, era espantosa, e ele soube que ela faria tudo o que fosse possível para salvar a si mesma e ao seu pai.

"Temos sobrevivido nos últimos cinco anos empregando alguns preparados

feitos pelo meu pai a partir de misturas de diversas substâncias químicas do sangue de animais silvestres. Possuíamos um patrimônio respeitável há alguns anos, mas essa maldita doença vem pouco a pouco nos arruinando... Mas isso não vem ao caso. Desconfio que tenha sido você o autor das mortes que os jornais andam divulgando desta vez..."

Mais um olhar em tom de indagação de parte da mulher. Mais um aceno positivo vindo do rapaz, que abandonou de vez a prudência e explicou a ela como havia sido a sua rotina de vida durante as últimas semanas. Seus sumiços noturnos; a funcionalidade do alçapão secreto na pensão, onde passava os dias; as visitas rotineiras à delegacia, e a "doença" de pele que fazia com que fosse solto muito antes do raiar do dia; as mortes...

"Compreendo. Levando em conta todos estes fatos, Acredito que você soube exatamente o que fazer com a foice, de modo que agora você deve possuir um alibi muito forte a seu favor. Também tenho certeza que alguém poderá vir a pagar por uma porção de crimes que não cometeu."

Ela levantou-se do caixote de madeira. Respirou fundo.

"Todos nós acabamos, vez por outra nesta vida, pagando pelos erros que não cometemos... mas poucos de nós pagam pelos crimes que realmente cometeram."

Observando-a fixamente, o jovem vampiro imaginava o quanto ela já possuía de seu poder, caso assim fosse. Traços no sangue, tais como alterações repentinas de cor e textura, e desacelerações na pulsação, eram tão perceptíveis para o rapaz quanto o envelhecimento precoce que afetava continuamente a pele e os cabelos, já brancos, da mulher. Contudo, tudo isto poderia não passar de um efeito colateral da composição criada a partir do preparado feito a base de sangue de animais silvestres ao qual ela havia se referido, misturado ao seu próprio sangue vampírico, tudo isso somado à peste e às suas conseqüências, desconhecidas para ele.

Décadas mais velha do que quando ali tinham adentrado, a dama virou-se, acelerando sua pulsação, e encarando-o de frente.

"Ajudei-o. Livrei-o de uma porção de problemas com a polícia. Salvei sua reputação. Agora é a sua vez de nos ajudar..."

O rapaz fez menção de levantar-se para protestar, mas ela o conteve, aproximando-se, e colocando a mão feia, um dos dedos compridos, pele seca, encarquilhada, fria, sobre sua própria boca, em sinal de silêncio. A outra mão foi apoiada no ombro dele, fazendo leve pressão, exigindo que ele permanecesse sentado.

"Você não pode negar-me este favor... Esta bênção. Conheço todos os detalhes mitológicos a respeito de sua raça, de modo que, assim como convidei-o a entrar em minha casa, convido-o agora a permanecer conosco, como manda a tradição de hospitalidade."

- Além do mais, você não pode mais me abandonar... - ela cercou-o, envolvendo-o com um abraço tão terno quanto nauseante. - Eu já sou uma de suas seguidoras.

* * * * *

Raiou o dia. O sol nasceu.

Por alguma boa mágica, um dos mistérios da natureza, a chuva ressurgiu do nada, contrariando as previsões de muitos especialistas, e a tempestade voltou para arrasar novamente o frágil mundo dos homens. Pequenas nuvens, desfiadas pelo vento, transformaram-se em uma única e onipotente camada de vapor cinzento, vento e relâmpagos, que fazia a imaginação dos vivos funcionar, enquanto estes olhavam apavorados para o céu e calculavam os prejuízos que a catástrofe climática poderia vir a causar desta vez, sem sequer perceberem que a tempestade fazia parte do metabolismo do mundo, e que o caos temporal que tanto os amedrontava era também um dos principais responsáveis pela manutenção da vida na Terra.

Não havia ninguém vivo naquela mansão sombria, rodeada por pálidas árvores-esqueleto, por capim seco, por fungos e líquens.

Novamente, não havia ninguém realmente importante vivo ali. Traços de vida sedentária eram notáveis nas árvores-esqueleto, nos fungos e líquens, e nos vermes e insetos que rastejavam por entre as rochas.

Nada além disso. Vestígios de vida, cercados de decadência e morte.

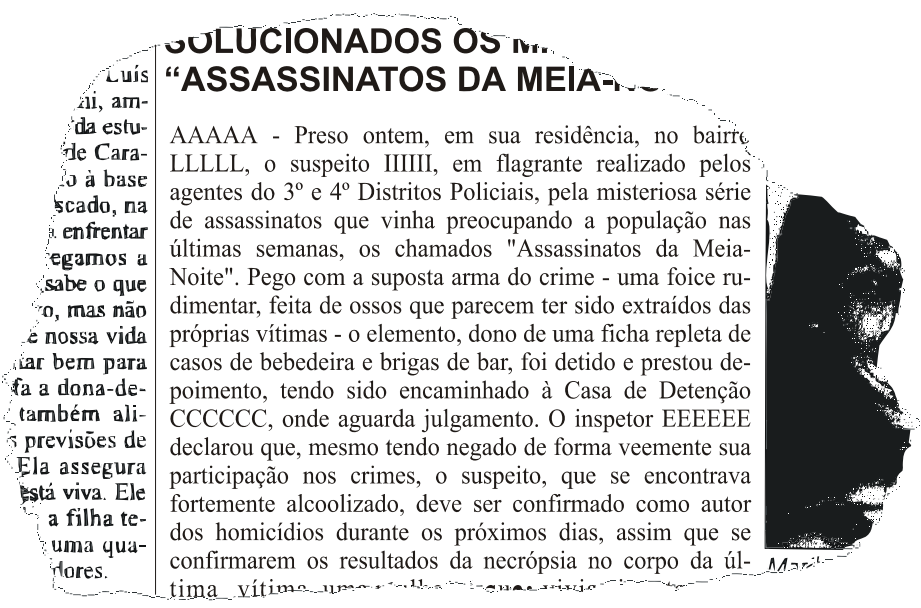
Três dos mortos daquela casa viviam, entretanto. Contrariando grande parte do que diziam os limitados conhecimentos humanos, tais seres não-vivos perambulavam pela escuridão subterrânea, enquanto aguardavam que a noite tornasse a cobrir com suas sombras aquele lado do mundo, para que pudessem transformar os pesadelos dos mortais em realidade, em nome de suas próprias existências.

Três dos mortos daquela casa estavam *realmente* mortos, tecnicamente mortos, e no entanto viviam, trazendo os sintomas de uma morte infame, amaldiçoada, em seu sangue. Prazeres diversos e uma única necessidade marcavam as suas carnes. O *sangue* que não lhes era possível produzir ia aos poucos se esvaindo, sendo compartilhado pelos três corpos impregnados de morte, tornando-se viciado, consumindo-se, impregnando de energia seus músculos sólidos e ressecados, e suas mentes com a insana avidez do vício.

Três dos mortos daquela casa viviam, e regozijavam-se em meio a rituais de sangue e lealdade, rejuvenescendo as próprias carnes com a doença da alma.

Três dos mortos daquela casa viviam, finalmente eternos.

Sairiam os três mortos-vivos mais cedo, talvez até mesmo antes daquele dia terminar...



* * * * *

Alguns meses depois, uma caravana de estudantes do primeiro grau de uma conhecida e influente escola da cidade retornava de uma excursão ao "Velho Casarão", novo ponto turístico da região, cujo acesso havia sido garantido recentemente por intermédio da limpeza e restauração de uns tantos trechos da velha rodovia municipal que para lá levava, promessa festeira de campanha eleitoral que estava sendo cumprida de pronto pelo prefeito recém-eleito, mantendo-se o conhecido padrão de conduta democrático que dita que o bom prefeito cumpre metade de suas promessas menos significativas nos primeiros dois meses após ter tomado posse, e a outra metade durante o restante do mandato, sem jamais conseguir cumprir as promessas realmente importantes.

A excursão, prevista para dois dias e duas noites, teve seu término decretado logo após a primeira noite.

Os responsáveis, jovens professores, com idéias modernas e profundo apego aos cômodos preceitos científicos, pareciam ter adquirido um súbito gosto pelo oculto. Apavorados, rezando sem parar para os mesmos deuses que tinham ignorado pela vida inteira, não encontraram outra alternativa que não fosse relatar os motivos de tamanho desespero às autoridades, assim que chegaram de volta à cidade, com o único ônibus da excursão lotado de estudantes adolescentes, em sua maior parte filhos de gente importante, todos alvoroçados, chorando e gritando, movidos pela histeria, e segundo um dos policiais, "prontos para o manicômio!"

A excursão voltava incompleta, de acordo com um dos professores - o único que ainda conseguia manter o controle, sem que para tanto precisasse de fartas doses de calmantes e sedativos. Dois dos estudantes, um rapaz e uma moça, namorados, tinham penetrado no casarão durante a noite, contrariando as determinações impostas pelos instrutores, como é de se esperar que sempre aconteça em acampamentos de adolescentes. E, como também é normal que

ocorra, ao que parecia, quiseram mostrar coragem aos demais colegas, respondendo a algum tipo de desafio proposto por estes. Algum tempo após o casal ter desaparecido dentro do grande e fétido corredor foi que finalmente aconteceu algo atípico para um acampamento de adolescentes, onde quase tudo o que não é esperado acaba acontecendo. Do lado de fora do casarão, os colegas puderam ouvir *os ruídos* - gritos humanos, de pavor, e rosnados horríveis que nada tinham de humano, vindos de muitos lugares no interior do casarão. Os rosnados bestiais soando tão alto que acabaram chamando a atenção de todo mundo no acampamento.

Apesar de negarem terminantemente que tivesse existido alguma proibição ou intervenção à entrada do casal no casarão de parte dos professores ("*Eles estavam dormindo, dois deles juntos, na mesma barraca! Devem ter ouvido os rugidos, mas só vieram ver o que estava acontecendo depois de os termos chamado!*"), os alunos que conseguiam falar, confirmaram a versão destes no concernente ao barulho, e não satisfeitos, adicionaram detalhes, sons de batidas, estrondos, gemidos... sons de *lâminas penetrando na carne*.

Não que algum daqueles adolescentes, todos de olhos muito arregalados e suando frio, tivesse visto alguma lâmina penetrar na carne de alguém.

Fosse como fosse, era a vez dos policiais aventurarem-se no Velho Casarão. Cinco viaturas, uma ambulância e mais dois carros civis seguiram pela estrada afora, formando uma ruidosa procissão, luzes e faróis e sirenes transformando o caminho escuro em luz e cor.

A estrada ainda passava pelo processo de restauração, e uma multidão de placas, tratores e caçambas cheias de entulho ainda obstruíam parcialmente a via em alguns pontos. Contudo, os troncos e demais vestígios de vegetação já tinham sido removidos. O "*caminho do fim-do-mundo*" estava novamente acessível.

Assim que chegaram, alguns carros estacionaram na estrada, e seus tripulantes desceram para abrir os grandes e velhos portões que permitiam o acesso ao amplo pátio do casarão. Os carros foram postos em marcha novamente, e em segundos, uma multidão de policiais, médicos, enfermeiros e mais outros tantos indivíduos vestidos à paisana tomavam conta do terreno, inspecionando os arredores, recolhendo coisas deixadas aqui ali acolá pelos jovens amedrontados, investigando as barracas deixadas armadas pelos professores, dando ou recebendo ordens, discutindo, manipulando instrumentos e aparelhos, ou simplesmente observando.

Algumas pessoas choravam, revelando um grau de parentesco próximo para com algum dos dois desaparecidos. Lanternas e *flashes* de relâmpagos e câmeras fotográficas iluminavam à tarde escura, coberta pelas mais densas nuvens, que pareciam prenunciar o avanço inclemente de outra tempestade.

Alguém disse detestar ter que trabalhar debaixo de tempestades. "*É melhor começar a se acostumar...*", foi a resposta ríspida que ouviu de volta, muito provavelmente de alguém que portava uma patente superior à sua.

Meia hora depois, chegou um furgão da imprensa. Uma veloz correspondente de microfone em punho e cabelos esvoaçantes estava predisposta a entrevistar qualquer um nas imediações, sempre seguida por um incansável e atento homem de cor que carregava uma filmadora portátil nos ombros, quase submergindo-a em sua vasta e alta cabeleira.

Uma mulher que chorava começou a ter convulsões, e as pessoas que estavam próximas tentavam em vão consolá-la, até que alguns médicos e

enfermeiros aproximaram-se, encarregando-se dela e levando-a para a ambulância.

Os policiais passaram a invadir o casarão, chutando as portas e janelas que estivessem trancadas, ao passo que um grupo de cinco homens já explorava o sombrio corredor de entrada, pois a porta dupla frontal fora encontrada aberta.

Alguém dentro do corredor resmungou alguma coisa, praguejando contra o mau cheiro.

Ouvia-se muitos berros e ordens, e os *walkie-talkies* funcionavam sem parar.

A repórter e seu incansável escudeiro tentavam seguir qualquer um daqueles intrépidos destacamentos que invadiam a casa, em vão, pois eram logo barrados por grupos de homens à paisana. Alegavam "*liberdade de imprensa*", mas os agentes falavam mais alto: "*Entrada proibida até que o interior do lugar tenha sido vistoriado. Razões de segurança.*"

Cerca de três horas após, os policiais uniformizados abandonaram o casarão, saindo em grupos, lanternas acesas nas mãos, revólveres nos coldres. Traziam expressões indecisas nas faces.

Os parentes das vítimas, ao ouvirem as novidades transmitidas pelo comandante de um dos destacamentos, recomeçaram a chorar, reconhecendo o teor pouco esclarecedor de tais informações. Dois homens perderam o controle e passaram a brigar entre si, tendo de ser separados à força pelos agentes à paisana.

À imprensa, "*nada a declarar*", e "*a entrada continua proibida...*", seguidos de alguns empurrões de pouca contundência, sem maiores esclarecimentos. Coisas de polícia, que deixavam a repórter com uma louca vontade de soltar uma porção de palavrões ao vivo e em cores, em rede nacional.

O próximo boletim informativo televisivo teceria breves comentários tanto a respeito dos chamados *Desaparecimentos no Velho Casarão* - manchete de capa de alguns jornais impressos do dia seguinte - quanto em relação ao *Abuso de Poder* de parte das autoridades que investigam o caso, impedindo o acesso da imprensa e do público em geral às informações pertinentes ao mesmo. Este segundo assunto viria a ser manchete de capa de muitos jornais impressos durante *a semana inteira*, sendo apresentado em horário nobre, edição especial, imagens e entrevistas exclusivas, depoimentos de especialistas, etc. e tal.

A notícia? A notícia era o excesso de autoridade! Algo inconcebível em um estado de democracia, em que o direito de ir e vir é soberano, blá, blá, blá... E, afinal de contas, quem quer saber de dois estudantes desaparecidos?.. Coisas da imprensa, que deixavam a opinião pública atenta à intriga, e os representantes da força policial de cabelos em pé.

Mas isso tudo aconteceria mais tarde.

Naquele início de noite, após mais meia hora de discussões, ânimos acalorados e calmantes distribuídos gratuitamente, os carros puseram-se em marcha, motores roncando, sirenes sibilando, retornando pela estrada pela qual tinham vindo, todos menos um.

Uma das viaturas de polícia ficava para trás, colada ao portão de entrada da mansão, e junto com ela, dois dos guardas uniformizados, que tinham recebido instruções específicas para manterem o local sob severa vigilância, reportando imediatamente caso percebessem alguma movimentação suspeita nas redondezas.

Possuíam permissão para atirar, caso fosse necessário.

O sol acabou indo se esconder atrás do horizonte, soterrado por toneladas de nuvens. Veio a noite. O tempo passava e a tempestade era empurrada cada vez mais para longe pelo vento calmo que fazia o capim oscilar.

A certa altura, na primeira hora da madrugada, um dos policiais acordou o outro. Seus olhos estavam arregalados, e ele jurava "*em nome de Deus e de Cristo*" ter visto uma mulher passar correndo em frente ao casarão.

"Uma mulher vestida de branco, com um véu comprido, que brilhava e balançava com o vento enquanto ela corria. Parecia um fantasma..."

O outro piscou algumas vezes, espreguiçou-se outras tantas, bocejou e mandou-o dormir, pois ele estava com muito sono, e quem fica com muito sono acaba ficando maluco.

- Ah, é? Veja você mesmo, então! - declarou o primeiro, apontando em direção ao casarão.

Uma voz... feminina, que lembrava um canto, ou um lamento.

O segundo guarda levantou-se do assento do carro-patrolha, curioso com o que estava ouvindo. Viu, tão incrédulo como seu colega, uma figura esbelta, dançando e cantarolando pelo terreno defronte a casa grande. Uma mulher de cabelos claros, muito compridos, e vestido branco, descalça, iluminada pela luz da lua, pisava a relva com graça e leveza, em movimentos delicados de dança, indo de um lado para o outro e volta e meia cruzando a deteriorada calçada de pedra que dividia o pátio, servindo de acesso à entrada do casarão. Parecia estar cantando, mas nenhum dos dois policiais conseguia ver sua boca abrir ou fechar, talvez por ela estar muito distante de ambos...

- Isso não... é véu coisa nenhuma... - grunhiu baixo o policial que há pouco despertara. - É o *cabelo* dela!

- Estou pouco me lixando... - disse o primeiro. - O que devemos fazer?

O outro levantou-se, impetuoso...

- Ora... Faremos o que *deve* ser feito.

... e caminhou até a viatura, acendendo os faróis e os sinalizadores intermitentes, que começaram a girar produzindo a velha conhecida seqüência giratória de luzes azuis e vermelhas. Saiu do carro carregando um megafone, que rugiu em monaural, destruindo a placidez da noite.

- Você, perto do casarão, deve permanecer onde está! Aqui é a polícia!

Em resposta à ordem, a mulher deu mais alguns passos de dança, rodopiou quase como se flutuasse, e saltitou corredor adentro, sumindo de vista. Segundos depois foi que a cantilena etérea cessou, sendo substituída por um risinho curto, e afinal, o silêncio.

Aos dois homens restava tomar coragem e ir investigar. E foi o que fizeram.

Trêmulos, sacaram suas pistolas, e também suas lanternas. A lua resolvera sumir de vista junto da estranha bailarina, e levava toda a sua luminosidade consigo, transformando a noite em uma sombra só. Empurradas por ventos cada vez mais fortes, nuvens negras e pesadas tomavam novamente conta do céu.

Movendo-se com relativa cautela, os policiais aproximaram-se da entrada do casarão, olharam em volta, e por fim penetraram de assalto no extenso corredor.

Instantes depois, a porta dupla de entrada rangeu seus gonzos, e fechou-se com um estrondo. Entalhados na madeira espessa, os grotescos motivos que ornamentavam a porta fulgiram, iluminados pelo primeiro raio que caiu na noite.

Os gritos e rugidos no interior do casarão podiam ser ouvidos ao longe...